

*Antologia*  
*Coordenação Ainê Pena*



*Cantos*  
*de Natal*

**Apena**

*Vários Autores*



**Vários Autores**

**Antologia**

**CONTOS DE NATAL**

**Contos e Poesias Natalinas**

**Coordenação: Ainê Pena**

1ª Edição

**A**pena

Editora

Brasília, Brasil  
2024

© Vários Autores, 2024  
Contos de Natal, Antologia  
Coordenação: Ainê Pena  
Revisão textual do próprio autor  
Todos os direitos reservados

Site da editora: **[www.apena.com.br](http://www.apena.com.br)**

**E-mails da editora:** contato@apena.com.br  
apena.editora@gmail.com

**Catálogo na Publicação (CIP)**  
**(Ficha Catalográfica feita por Apena, DF, Brasil)**

A634c Antologia, Vários Autores, 2024 –  
Contos de Natal, Antologia / Vários Autores;  
Coordenação: Ainê Pena. – 1. ed. - Brasília: Edição  
Apena Editora, 2024.

130 p.;

ISBN – 978-65-80029-50-1

*(e-Book Apena Editora – Venda Proibida)*

1. Literatura Brasileira, Poesia. 2. Contos.  
I. Antologia. II. Título.

CDD: B869.1

CDU: 82-1

Índice para catálogo Sistemático:

1. Literatura Brasileira: Poesia (CDD B869.1)  
Literatura Brasileira: Contos (CDD B869.3)

**É EXPRESSAMENTE  
PROIBIDA A  
COMERCIALIZAÇÃO DESTA  
ANTOLOGIA**

**A distribuição é Gratuita**

"Que o Jesus menino, neste Natal, venha abençoar a cada um  
de nós, nossas famílias e amigos também...  
...Amém."

## Sumário

Adair Dittrich .....	12
Ainê Pena.....	18
Celina Pereira .....	22
Dioni Fernandes .....	25
Djany de Carvalho .....	28
Eliane Oliveira .....	33
Eloise Gomes.....	36
Fernanda Rabelo .....	40
Geomara Moreno.....	43
Conto de Natal .....	44
Graciela Zeballos .....	48
Henrique Lucas.....	54
Jonas Bandeira .....	57
Karol Costa .....	60
Kerly Coelho.....	63
Leuson da Cruz.....	66
Luiz Campos.....	70
Manoel Pena .....	74
Maria Consuêlo.....	79
Maria de Abreu.....	82
Conto de Natal .....	84
Mitiko Une.....	89
Myrinha Vasconcellos .....	92
Neuza M <sup>a</sup> B. Albarello .....	98
Rachel Capucio.....	100

Rosangela Calza .....	103
Sandro R. Brustolin .....	107
Silvana Martendal .....	111
Telma Nogueira .....	116
Biografias.....	118
Participantes .....	125
Alguns Depoimentos... ..	128



## CANTO DE NATAL

"O nosso menino  
Nasceu em Belém.  
Nasceu tão-somente  
Para querer bem.

Nasceu sobre as palhas  
O nosso menino.  
Mas a mãe sabia  
Que ele era divino.

Vem para sofrer  
A morte na cruz,  
O nosso menino.  
Seu nome é Jesus.

Por nós ele aceita  
O humano destino:  
Louvemos a glória  
De Jesus menino."

*Manuel Bandeira*





**Adair Dittrich**

**Canoinhas - SC**

**Adair Dittrich***Presidente, ALB-Canoinhas***FANTASMAS DANÇANTES NA ÚLTIMA NOITE DE NATAL**

A sós, na sala vazia, ficara a contemplar o pinheirinho de Natal intensamente iluminado com faiscantes luzinhas coloridas. Carregado de enfeites acumulados no correr dos tempos.

A comemoração natalina começara no instante em que o sol enviara os seus últimos raios atrás das serras distantes. Buliçosas crianças felizes com os mimos que o próprio Papai Noel lhes entregara. Aos poucos a casa foi ficando repleta. Quase todos os sobrinhos com seus filhos e netos. Um pianista da família solava melodias natalinas. O aroma da ceia, preparada com carinho, espalhava-se por todos os cantos.

Brindava-se a vinda de um ser superior que em certo dia veio ao mundo no corpo de um menino com a missão de trazer a boa nova a todas as criaturas.

Já nos primeiros minutos do novo dia familiares e amigos foram em busca de seus tугúrios. E ela, na sala vazia, brinda com o vinho espumante a borbulhar em sua cristalina taça, a felicidade de estar com os seus nesta que é mais bela festa do ano, a festa em que se comemora a vinda ao mundo de um meigo menino chamado Jesus.

Ficou a olhar, através da janela, o verde, as flores e as miríades de pequenas luzes coloridas a brilharem em seu jardim.

Extasiada admirava pelas vidraças o reflexo da grande árvore de Natal iluminada — que ela continua a chamar de pinheirinho de Natal, assim como sempre o chamavam na casa de seus avós, desde os mais remotos tempos de que se lembra.

E foi então que em meio àquele iluminado pinheiro espelhado lá fora ela os viu. Eram poucos em seus alvos mantos refletidos ao luar. Imiscuíam-se entre as luminescências das ramagens do jardim. Pareciam acompanhar, a bocca chiusa, as melodias natalinas que, na aparelhagem de som, ela ouvia.

Como se envoltos por um arco-íris, aos poucos, alteram-se os tons e a forma de suas vestes. Lá no alto, em casacos, calções e gorros vermelhos debruados em fímbrias de alvo algodão sorriem. Aglomeram-se à sua frente e iniciam seu ritual com uma mística dança que não cessa de ser dança e que jamais cessa de mistificar.

Riem-se os fantasmas em meio de milhares de minúsculas luzinhas que os envolvem. Espalham-se no espaço. Dançam suas mirabolantes danças siderais. Como se parte fossem das luzinhas entre o verde do jardim perambulam em todas as direções. Enleiam-na nesta dança, que parece atingir a estratosfera.

E ao envolvê-la em seus rubros mantos intensamente movem-se entre os ramos das árvores. Parece uma floresta a encher-se de sons como se violinos ali estivessem sendo tangidos.

Estática ela os vê. Absorta, ouve-os.

Radiantes chegaram na noite de Natal para empanar a sua alegria? Para distraí-la de sua nostalgia?

E no emalo da Santa Noite os seus fantasmas iniciam a sua dança, que nunca cessa de ser dança, que nunca cessa de embalar.

E eles dançam entre os iluminados arbustos que os enredam, que os transformam, imiscuem-se em meio a eles, transmutam-se em seres semipalpáveis, somem e retornam como se de dentro deles brotassem.

Ela sente um estremezimento total. As espessas paredes que a cercam transformam-se em transparentes vidraças. A verde grama é a continuação de sua sala.

Ouve conhecidos sons de melodias que, em um passado distante embalavam seus sonhos de amor como se vindas de algum lugar no espaço além.

Tênués, muito tênués, começam as danças luminosas que sempre suavizaram as noites de sua alma.

Tênués, muito tênués, leves, perdem-se no ar, sem sentido nenhum a tomar, nesta dança sem fim.

Nesta dança que não cansa de ser dança, nesta dança que não cansa de ser fim.

Ante a sua visão aturdida, em seus semicerrados olhos, transmutam-se as luzes... novos fantasmas dançantes a esgueirarem-se em voluptuosos e eróticos movimentos, embriagando-se com os movimentos do piscar das luzinhas que não cessam de ser luz e não cessam de embriagar.

Os fantasmas dançam entre as luzes. Insinuem-se na mudança de cores e tons.

Sua dança tênué e mansa no início, vai, aos poucos, aos pedaços, aos tropeços, alongando-se em fantasmagórica mistura de ritmos trazidos de todas as partes do mundo.

Ela tenta alcançá-los na madrugada que caminha rumo ao infinito.

Mas eles fogem.

Fantasmas com seus mantos vermelhos somem diante de seus sonolentos olhos.

Tão fugazes como fugazes são os sonhos da insone madrugada.

E as luminescências verdes e azuis volteiam nas mais contrastantes direções sob a ação de um vento que se insinua entre elas e não se cansa de rufar.

Imiscuem-se os fantasmas entre as nescas do espaço esverdeado como se a zombar dela estivessem.

Em meio à sua dança e aos seus rodopios o rubro de suas vestes começa a esmaecer até tornarem-se um fulgurante e luzidio branco.

Acercam-se de sua poltrona. Sem sentir, de súbito ela se levanta e passa a levitar. Depois senta-se em um tufo de fofa grama.

Estática e pétrea incrusta-se em marmóreo manto. Sua mente já não mais consegue discernir o espaço em frente onde, até há pouco, imersa entre as luzes encontravam-se uns olhos que, com forte magnetismo, a fitavam.

Em seus álgidos mantos os fantasmas enrodilham-se, escondem-se, entrelaçam-se, movem suas línguas flamejantes numa ânsia doida e doída na tentativa de atingir o clímax antes que finde o seu fugaz viver.

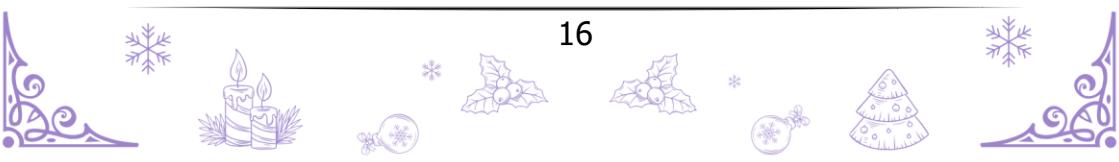
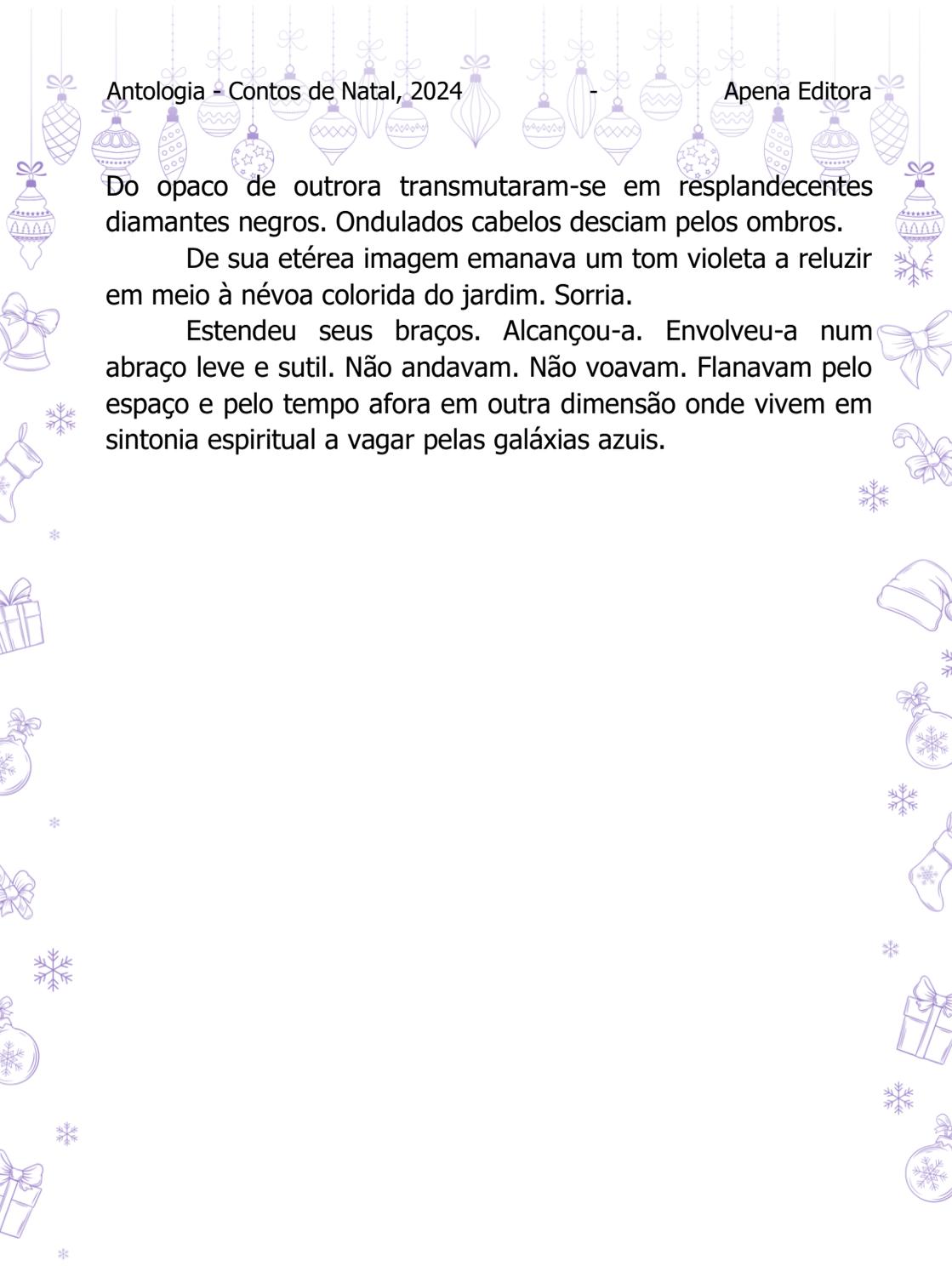
Eis, então, que surge, no centro de todos os fantasmas, um fantasma que brilha com maior intensidade dentre todos os fantasmas que o rodeiam, dentre todos os fantasmas que se moviam ante a sua atônita visão.

Cruzam-se os seus olhares. A intensa resplandescência que emanava de seus olhos fê-la estremecer. Reconheceu-os.

Do opaco de outrora transmutaram-se em resplandecentes diamantes negros. Ondulados cabelos desciam pelos ombros.

De sua etérea imagem emanava um tom violeta a reluzir em meio à névoa colorida do jardim. Sorria.

Estendeu seus braços. Alcançou-a. Envolveu-a num abraço leve e sutil. Não andavam. Não voavam. Flanavam pelo espaço e pelo tempo afora em outra dimensão onde vivem em sintonia espiritual a vagar pelas galáxias azuis.





**Ainë Pena**

**Brasília - DF**

**Ainé Pena***Presidente, AICLAB***NATAL NA CASA DA VÓ JACI**

Casa de vó, a gente já sabe, ne? É sempre casa de vó, e a na casa da minha vó Jaci Bernardes não era muito diferente das casas de avós que conhecemos. Sempre que tinha uma comemoração, íamos para lá juntar a família em um grande almoço.

Chegávamos cedo para começar os preparativos. Era um dia muito cansativo, mas sabíamos que no final das contas, sempre valeria a pena ver a casa da vó cheia de gente. Salvo eu e minha prima Érica, né? Que além de ajudar a cortar os legumes, ainda ficávamos com toda a louça do almoço para passar a tarde inteira, em vez de brincar, ficar lançando louça, ariando panela e tirando grude de assado de tabuleiros grudados e alguns até quase queimados.

E era quase um ritual de domingo, porque a maioria as comemorações caíam no domingo. Levantar cedo, arrumar, pegar estrada de mais de uma hora rumo ao goiás para a casa da minha vó. Quando chegávamos lá, o sol já estava começando a esquentar, e olha que lá fazia muito calor durante o dia, aí já tínhamos que trocar o sapato, colocar algo mais simples para aguentar o calor do dia. As vezes esperávamos sair para a feira para trocar de roupas, mas era sempre assim.

Víamos o que precisava que comprar e lá íamos todos em uma peregrinação à feira. Antes a feira era perto da

rodoviária que esta se localizava bem no centro da cidade, quase ao lado da prefeitura, e minha vó nessa época também morava por ali. Depois a feira mudou, minha vó se mudou também e tudo ficou mais longe. Minha vó em um lado da cidade e a feira com a rodoviária lá no pé do morro, do outro lado da cidade. E lá íamos nós, todos juntos para achar o melhor frango e o cheiro-verde mais fresquinho, e claro sem esquecer da mandioca, o milho verde novinho e mais uma porção de coisas para cozinhar naquele dia.

Uma coisa eu gostava, tirando aquele tanto de gente se apertando para passar de um lado ao outro, o calor e o barulho dos carros ao redor da feira anunciando milho e coisas de roça, que era encontrar a família da minha mãe por lá. O tio Jonas, irmão do meu avô, nossa que saudade tenho disso tudo, meu avô Zé Alvi é claro que sempre estava por lá, pois chegava antes da gente, e ficava conversando com os outros velhos da cidade, alguns deles parentes nosso, e isso era maravilhoso, pois, já que minha mãe não queria ir de casa em casa para eu ver e pedir bênça a eles, que ela dizia que não estava precisando tirar esmola, eu podia pelo menos vê-los por ali. Muito bom tudo disso.

Depois da feira, de ver gente, de conversar, tendo a minha mãe apressando a gente gritando dizendo que estava com pressa, e de comprar as coisas, voltávamos para cozinhar. Aí era outra reza. Descascar legumes, cortar, pisar alho com pouco sal e que nunca estava da forma que minha mãe gostava, sempre reclamando me mandando amassar mais, e detalhe, quase sem sal, aquela meleca que nunca ficava tão fino quanto ela pedia.

Daí ia chegando gente, sentando lá fora e contando causos, e eu ajudando a cortar azeitona, que levava horas e

que dava para fazer sentada, sempre escutava e ainda assuntava alguma coisa.

Depois quando todos chegavam, íamos comer, era uma festança. Minha vó muitas vezes brigava por levarmos refrigerante, porque não queria que fizéssemos carne, e que nunca faltava o gueiroba que ela mesma fazia no dia anterior e o glúten, que com o passar o tempo ela passou a não fazer mais e que um dia eu levei material para que ela me lembrasse como fazer e pudéssemos cozinhar juntas para que todos pudessem comer.

E era assim, cada uma das comemorações, que começava no dia de ano, o primeiro dia de cada ano, depois dia das mães, dia do aniversário dela, o meu aniversário que eu fazia questão de ir para lá também e claro, o famoso dia de natal.

E no dia de natal tinha algo melhor ainda, pois era período de pequi aqui no goiás, e não tem nada melhor do que comer um prato de pequi no almoço. Quem conhece sabe do que estou falando. Então o natal era mais que especial dessas comemorações desses dias de datas festivas, pois no Natal, sempre cozinávamos pequi. Então na hora de comer eu sempre sentava com um prato de comida de um lado e do outro, claro, não podia faltar, um prato de pequi!

Mas tinha uma coisa também. depois de alguns anos, parei de lavar as louças pois chegou o turno da minha irmã e da irmã da Érica. Então a parte complicada da tarde de natal não era mais ficar lavando vasilhas a tarde toda, mas é que o pequi solta o intestino, e comendo horrores de pequi no almoço, você já imagina como ficava o resto da tarde, ne? Ou será que ainda preciso contar?

Saudade do Natal na casa da vó, o último foi em 2019.



**Celina Pereira**

**Brasília - DF**

**Celina Pereira****MÚSICA DE NATAL**

Alice lembra-se de que, numa noite de Natal de sua infância, caminhou pelas ruas próximas a sua casa, com seus pais e irmãos, em trajes especiais, em direção a uma igreja. Ali entraram como visitantes e assistiram a um concerto maravilhoso, com músicas suaves e envolventes, falando do bebê Jesus. Naquela época, esse tipo de apresentação musical não era comum em sua comunidade religiosa e ela encantou-se com tudo.

Já na adolescência, assistiu com curiosidade e ansiedade aos ensaios de uma Cantata pelos jovens em sua própria igreja, mas ainda não foi convidada. Alguns anos mais se passaram e então passou a participar do coral e isso lhe deu uma alegria muito grande. A música ensaiada para um primeiro final de ano falava em noite milagrosa, profecias antigas, aplinar o caminho para o Messias e a harmonia das vozes era indescritível. O coral viajou por cidades próximas e ali se apresentaram também. Alice nessa época já era acompanhada por seu esposo, que também amava cantar. A propósito, eles se conheceram num dos ensaios.

Por muito tempo Alice cantou em grupo e sempre no final do ano havia um concerto natalino que a alegrava muito. Já mais tarde, deixou de cantar e passou a acompanhar as músicas ao piano, instrumento aprendido desde menina. Era um repertório diverso durante o ano e cada ciclo terminava

com as músicas de Natal, muito ensaiadas e bem apresentadas.

Formou-se uma orquestra na igreja e passou a participar com um teclado e depois com o violino, que aprendeu depois da meia idade. Também achou muito bom tocar no grupo instrumental. A cada ano, a rotina se seguia. Às vezes, havia também um concerto especial pela Páscoa. Muitas vezes, grupos encenavam a história bíblica com roupas de época muito coloridas.

Neste ano, os ensaios foram bem mais difíceis. As músicas não estavam com arranjos muito simples e ainda seu marido passou um tempo impossibilitado de ir acompanhá-la devido à saúde. Precisava fazer repouso. Mas insistiu e ouviu muitas vezes a gravação, foi a alguns ensaios e então chegou o mês de dezembro e o dia das apresentações. Ela achou que poderia ter sido melhor a participação. Ficou aguardando os vídeos nas redes sociais.

Ao acordar na manhã seguinte, viu que o canal costumeiro não havia gravado a música – que pena! Porém, um juvenzinho tinha filmado e passara a gravação para a Orquestra. Sentiu-se feliz por mais um ano, mais um Natal em que se unira aos louvores. Ali estava a Cantata de Natal, tão linda quanto aquela que ouvira na infância



**Dioni Fernandes**

**Criciúma - SC**



**Dioni Fernandes**

*Presidente, AJEB/SC e 2ª Vice-Presidente, AJEB Nacional*

## **VERDADEIRO NATAL**

Corram! Venham ligeiro  
muitos presentes comprar.  
Meu Deus, haja dinheiro!  
Muita gente para presentear...

Faltam apenas alguns dias  
para a festa, que alegria!  
Cartões e mensagens para enviar  
e a esperança de desejos realizar...

E o santo Espírito Natalino  
os corações vão invadindo.  
Fazem mil coisas de uma vez!  
Tentam arrumar o mundo em um mês...

Chega à festa! Coração é só alegria,  
quase não cabe tanta felicidade.  
Depois da ceia, no outro dia,  
o cansaço da correria invade...

Outra vez, tudo volta a ser igual!  
Os ensinamentos de Jesus de lado,  
até vê-lo na Semana Santa crucificado!  
Depois, só no próximo natal...

E a troca de carinhos, perdão, cadê?  
Não é preciso nos demais dias do ano?  
Que renascimento foi esse no coração?  
Tudo não passou de um engano?

Faço parte desta grande festa,  
mas, também, do grupo que detesta  
comemorar o Natal, no ano, apenas uma vez...

É preciso viver o Natal todos os dias,  
distribuir o amor em demasia,  
fazer feliz o irmão, cada dia, cada mês...

Assim estaremos vivendo na luz,  
o verdadeiro sentido do Natal  
que nos ensinou o Mestre Jesus...

E ao chegar novamente dezembro, irmão,  
comemoraremos um Natal verdadeiro  
e reafirmamos o propósito de Cristãos!



**Djany de Carvalho**

**Fortaleza - CE**

**Djany de Carvalho****GABRIEL GANHA UM AMIGO**

A magia do Natal é encantadora para qualquer criança. E o momento mais aguardado é o da entrega dos presentes. A cada ano aumenta a expectativa de saber se o Papai Noel atendeu seu pedido. O que será que Gabriel pediu de presente de Natal esse ano?

Gabriel é um menino muito esperto que vive em uma família pequena formada pelo pai, pela mãe e por seu avô materno. Apesar da pouca idade, ele é muito observador. Gabriel reflete sobre o que acontece no dia a dia, suas ações diárias e questiona bastante tudo. Muitas vezes pede coisas impossíveis ou inapropriadas, que, com explicação plausível, lhe são negadas.

Sua rotina parece ser comum às crianças da mesma idade, exceto por dois motivos: o primeiro é que ele não estuda em tempo integral, e isso implica no segundo motivo: ele poucas vezes tem companhia para fazer o que mais gosta: brincar.

Apesar de sua mãe brincar de pega-pega, de esconde-esconde, de carrinho, de jogos educativos, de bola e de outras tantas brincadeiras, ela nem sempre tem o tempo disponível que ele gostaria. Seu pai também, sempre que pode, brinca de bola e de videogame. E, quando seus pais estão trabalhando, muitas vezes ele se diverte brincando sozinho com seus brinquedos e, eventualmente, com seu avô ou com sua amiga

cuidadora. Essa realidade, contudo, não parece tão empolgante para a criança, mas, lamentavelmente, é a opção possível para muitas famílias.

Apesar de o fato de brincar sozinho despertar, inúmeras vezes, sua imaginação na elaboração das historinhas desenvolvidas durante a brincadeira, o fato é que Gabriel precisava de um amigo. Pensando nisso, os pais decidiram presentear Gabriel no Natal. E, por mais que um robô ou um brinquedo eletrônico que possui a habilidade de falar pudesse suscitar a ideia de companhia, seus pais pensaram em algo mais real, mais dinâmico, mais autêntico. Então decidiram que o presente natalino de Gabriel naquele ano seria um cachorrinho. Ele sempre se interessou pelos cachorrinhos que encontra ao passear pela rua. E ser um tutor de um bichinho de estimação estimula na criança seu desenvolvimento cognitivo; diversas habilidades, inclusive social; além de sentimentos como empatia, respeito, responsabilidade e amor.

Uma vez decididos e como já estavam no mês de dezembro, começaram então a ler sobre as raças caninas pesquisando na intenção de encontrar alguma que melhor se adaptasse às necessidades da criança e ao espaço da casa, considerando também as demandas próprias do animal. Procuraram, pesquisaram, leram e nenhuma das raças preenchia todas as características da enorme lista que a mãe trazia à mão. Foi então que o pai teve uma ideia brilhante: vamos adotar um cachorro caramelo! Ao ouvir o pronunciamento do pai, a mãe prontamente abriu um sorriso e concordou. Afinal, seria mais fácil de encontrar, não seria caro e, principalmente, teriam um cão que representa o país, ou seja, além de muito gracioso é uma raça sem muitas frescuras.

Como o objetivo era adotar, começaram então a buscar organizações não-governamentais que cuidam de bichinhos e promovem doações. Ao chegar ao abrigo São Lázaro se admiraram da quantidade de filhotes que aguardavam adoção. Embora houvesse muitos, um logo chamou a atenção da mãe e quando ela chegou perto dele, o filhote logo saltou em seu colo. Diante dessa cena, a mãe olhou para o esposo e disse: Já achamos. Ele já me escolheu. Vamos levá-lo. E assim fizeram. Porém, antes de chegar em casa, passaram em uma loja, compraram uma caminha, umas vasilhas e um brinquedo.

Ao chegar em casa, deixaram o bichinho no quarto e aguardaram ansiosos a chegada de Gabriel da escola. Quando ele chegou, seguiu seu ritual diário: tirar o uniforme, tomar banho e aguardar o almoço vendo TV. Porém, antes que ele sequer escolhesse o que iria assistir, ouviu um grunhido vindo de seu quarto. Imediatamente olhou para os pais e perguntou: que barulho é esse? O que será que está no meu quarto?

Os pais, como queriam fazer surpresa, fingiram que não ouviram nada. Porém Gabriel insistiu: vamos ver o que tem no meu quarto? Então a mãe disse que era seu presente de Natal. Ele logo correu para ver e, ao abrir a porta do quarto, deparou-se com um filhotinho de cachorro de cor caramelo e com olhinhos pidões. Gabriel não acreditou no que via: ele é meu? Indagou o garoto. E os pais responderam que SIM. Que a partir daquele momento ele ganhava um novo amigo. E, desta vez, não era um brinquedo que fala, mas um bichinho, que merece carinhos e cuidados.

Gabriel não conteve as lágrimas. Abraçou-se com o filhote e juntos, Gabriel e seu novo amigo, abraçaram o pai e a mãe. Todos estavam visivelmente emocionados com aquela novidade. E, como se já não bastasse a troca de carinhos entre

todos, Gabriel voltou-se aos pais e disse: vocês são meus melhores amores. Obrigada pelo meu novo amigo. O nome dele agora é Caramelo Aranha!

Aquele foi um dia esplendoroso que marcaria uma nova fase na vida de Gabriel. Desde aquele dia, Gabriel ajuda a cuidar de Caramelo Aranha, e os dois brincam muito. A amizade entre Gabriel e caramelo Aranha é contagiante. Seguramente, foi o melhor presente de Natal que ele poderia ter ganhado embora nunca o tivesse pedido!



**Eliane Oliveira**

**Rio de Janeiro - RJ**



**Eliane Oliveira**

Nasceu o Redentor.  
Nasceu o Salvador  
Nasceu o Redimidor  
Nasceu o Protetor  
Nasceu o Intercessor  
Nasceu o Grande Amor  
Nasceu, Nasceu, Nasceu...  
Jesus, o nosso Senhor!

### **NATAL É LUZ. NATAL É JESUS!**

Natal é uma data tão especial e esperada!  
Mas será que realmente entendemos toda essa jornada?

Jornada do Herói que precisou nascer,  
Para Salvação a todos oferecer.

Todos que desejam, lógico!  
Não há imposição.  
Entretanto, Ele nos espera de braços bem abertos  
Para aquecer os nossos corações

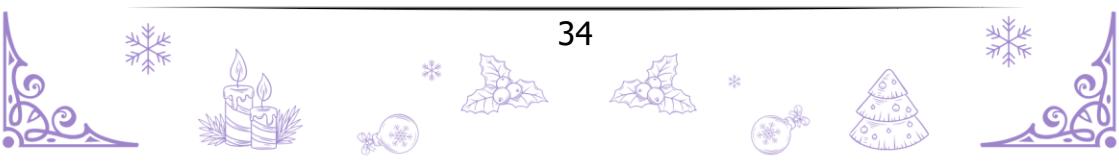
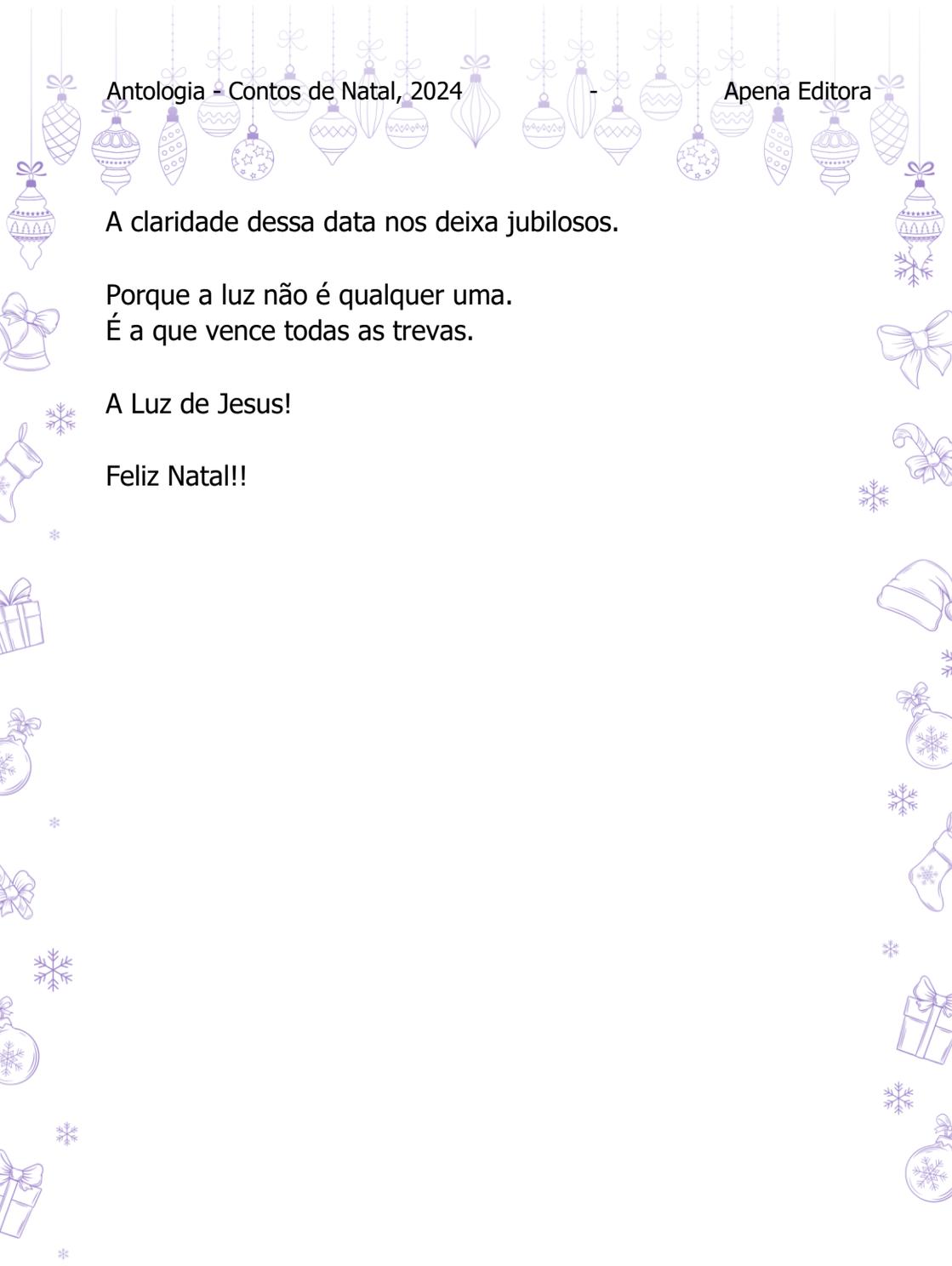
Natal traz a luz.  
Não a do pisca-pisca ou grandes enfeites luminosos.

A claridade dessa data nos deixa jubilosos.

Porque a luz não é qualquer uma.  
É a que vence todas as trevas.

A Luz de Jesus!

Feliz Natal!!





**Eloise Gomes**

**Rio de Janeiro - RJ**



**Eloise Gomes****A CHAMA INVISÍVEL**

Era véspera de Natal, e a cidade parecia pulsar com um brilho que não me alcançava. As ruas iluminadas, as vitrines decoradas, tudo lá fora cantava sobre uma alegria que eu não sentia. No meu quarto, o mundo parecia suspenso, e o silêncio era o único presente.

Sentei-me junto à janela, encarando a neve que caía lenta, como se cada floco tivesse uma história para contar. Do lado de fora, um menino passou correndo, empurrando um carrinho de mão cheio de galhos secos. Ele vestia um casaco remendado, pequeno demais para o frio da noite, mas seus olhos brilhavam com uma luz que nenhuma lâmpada da cidade podia imitar.

Fiquei olhando, imóvel, enquanto ele desaparecia na esquina. Algo dentro de mim, algo que há muito dormia, despertou. Era como se a neve tivesse sussurrado um segredo, uma urgência que não me deixava quieta. Peguei meu casaco, calcei as botas e saí, guiada por um chamado que nem eu sabia explicar.

"Ei!", minha voz soou frágil contra o vento, mas o menino parou e se virou. Seus olhos, curiosos e cautelosos, me analisaram por um instante.

"O que você faz com esses galhos?" perguntei, tentando não tremer, embora não soubesse se era o frio ou a emoção que fazia minhas mãos tremerem.

“Para o fogo”, ele respondeu, sorrindo de um jeito que quase me fez chorar. “Minha mãe diz que, mesmo com pouco, dá pra ter um Natal bonito.”

Aquelas palavras me perfuraram como uma flecha. Meu coração, antes entorpecido, pulsava de um jeito novo, forte. Era como se o Natal, que até então parecia um enfeite vazio, finalmente mostrasse sua verdadeira face.

“Você mora perto?” perguntei.

Ele apontou para uma rua escura, longe das luzes e dos sorrisos artificiais. “Na última casa. A gente não tem luzes, mas minha mãe inventa histórias que iluminam tudo.”

Voltei para casa com passos apressados, o coração pesado e, ao mesmo tempo, cheio de um calor novo. Reuni velas, cobertores, um punhado de frutas da ceia e um velho enfeite guardado desde a infância, um anjo de madeira com as asas desgastadas, mas ainda belo.

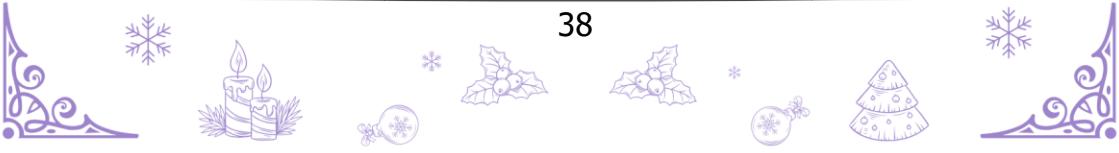
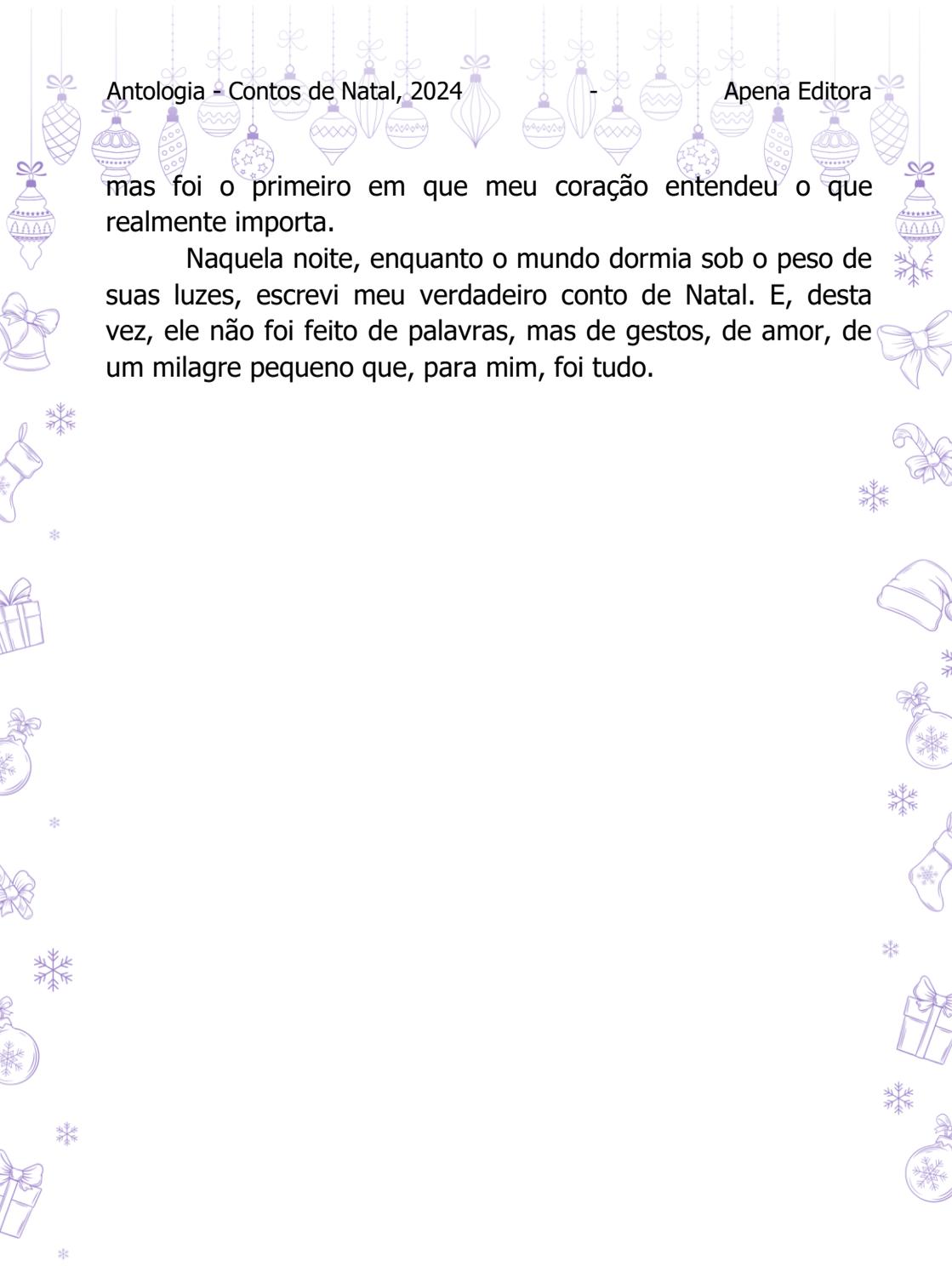
Quando bati à porta da última casa, o menino abriu, os olhos arregalados de surpresa. Lá dentro, sua mãe, de mãos calejadas, me acolheu com um sorriso tão cheio de gratidão que quase me fez desabar. Não havia árvore, nem guirlandas, mas o pequeno espaço parecia mais cheio de vida e amor do que qualquer mansão iluminada.

Sentamos ao redor de um fogo tímido, compartilhando histórias e risos que aqueceram mais do que o calor da chama. O menino contou sobre um Natal em que um milagre fez a neve cantar, e sua mãe falou de noites em que a esperança era o único presente, mas era suficiente.

Eu voltei para casa diferente. Não com menos coisas, mas com mais: mais calor, mais amor, mais sentido. Aquele Natal não teve um banquete farto nem presentes brilhantes,

mas foi o primeiro em que meu coração entendeu o que realmente importa.

Naquela noite, enquanto o mundo dormia sob o peso de suas luzes, escrevi meu verdadeiro conto de Natal. E, desta vez, ele não foi feito de palavras, mas de gestos, de amor, de um milagre pequeno que, para mim, foi tudo.





**Fernanda Rabelo**

**Barras - PI**



**Fernanda Rabelo****ESPERANÇA**

Com seis de idade, cabelos cacheados e volumosos, Lara é uma criança feliz e encantadora. Morando em uma cidade no interior do estado do Piauí, onde as oportunidades são difíceis e desafiadoras, Lara é uma menina muito esforçada e inteligente.

Ela gosta da sensação que suas primeiras palavras lhe despertam; uma mistura de alegria com felicidade, fantasia com realidade. Aprendeu a ler recentemente e já se deu conta do poder das palavras na vida das pessoas, na sua própria vida, na força que as palavras trazem para a nossa cultura.

Lara passou o ano se esforçando e se dedicando na escola e se comportou em casa para que quando chegasse o mês de dezembro, ela mesma escrevesse sua cartinha para o Papai Noel.

A menina conseguiu!

Sua cartinha dizia o seguinte:

“– Querido Papai Noel, tudo bem com você? E a mamãe Noel, como vai? Fiz tudo certinho esse ano, me comportei em casa e na escola também. Quero lhe dizer que já sei ler. Vou lhe contar um segredo: meu dente da frente ficou mole e caiu. Tem uma janela bem grande na minha boca. Não conte para ninguém!

Gostaria de lhe pedir como presente de Natal um par de patins tamanho 34, é que meu pé cresceu. Se não for possível

o patins, pode mandar o presente que o senhor escolher, Papai Noel. Assina Lara.”

Ao finalizar sua cartinha para o papai Noel, Lara embalou bem bonita e colocou adesivos do seu caderno. Quando terminou, pediu ajudar a sua mãe para colocar o endereço de sua casa. No outro dia a menina acordou bem cedo e esperou o carteiro passar para entregar sua cartinha. Não demorou muito e lá vem o carteiro subindo a rua da casa de Lara.

De longe Lara acenou para o carteiro com sua cartinha na mão e entregou ao carteiro para que ele a enviasse para o Papai Noel. O carteiro respondeu que com certeza enviaria sua cartinha.

Os dias do mês de dezembro foram se passando e Lara ainda não recebeu a resposta de sua carta enviada ao papai Noel. Já começando a ficar aflita pela proximidade do Natal, Lara estava quase, quase perdendo as esperanças.

Mas um dia antes do Natal ele chegou, seu lindo patins foi entregue pelo carteiro. Lara estava muito contente e abriu logo seu presente. Leu o bilhete com os olhos em prantos: “Para Lara, a menina sem o dente da frente. Assina Papai Noel.”



**Geomara Moreno**

**Ilhéus - BA**



**Geomara Moreno**

## **ECOS DE NATAL**

Natal é ausência,  
Natal é falta,  
Natal é saudade,  
Natal é dor.

Natal maltrata,  
Faz sangrar o coração,  
Faz chorar a alma,  
Natal é dor.

Natal é lacuna,  
É ponte quebrada,  
É pássaro sem asas,  
É lamento profundo,  
É pranto.

Natal é vazio,  
É nostalgia,  
É busca constante,  
É lembrança.

Natal dói!

## Conto de Natal

By Apena

### UM MILAGRE DE NATAL

Mais um Natal estava chegando e se via apreensiva por novamente se reunir com sua família, rever pessoas queridas, levar presentes de natal a seus sobrinhos que já estavam bastante crescidos e logo deixariam de ser crianças, e ela mesma não podia comprar presentes à suas crianças, pois até aquele dia não havia tido nenhum bebe ainda.

Todos os anos era a mesma ladainha: - Será que este ano que vem teremos mais um bebê na família? E realmente tinha, mas não vinda dela. Era extremamente frustrante desejar tanto e esperar tanto e nada acontecer, pior ainda, as cobranças de todos que a cercava.

A família então, já não aguentava mais, toda vez que a via, perguntava quando ficaria grávida. E o pior é que já havia tentando um monte de coisas, simpatias de todos dos seguimentos que lhes ensinavam, ela os fazia parte por parte sem esquecer nenhum detalhe, e nada, nunca chegava a notícia da cegonha.

No natal do ano anterior, uma tia ao vê-la triste observando uma prima com um bebê de colo, a chamou num cantinho e lhe ensinou uma nova teoria: O pedido no berçinho do menino Jesus. E ela meio já descrente de tudo, triste por passar mais um natal em família vendo a felicidade de todos com os novos membros da família, e ela ali sem o seu,

resolveu, só mais esta vez, atender este mando que a tia garantiu que funcionava.

Logo ali perto, na praça da cidade tinha um presépio montado, todo iluminado, e ela saiu discretamente levando o que lhe foi falado ao ouvido, para visitar o menino Jesus e fazer-lhe seu pedido, junto à manjedoura. Ao chegar viu o menino Jesus, lindo, dormindo deitadinho ao berçinho todo enfeitado com capim e luzes de natal, e olhando para ele, pediu de todo seu coração, que o menino Jesus atendesse ao pedido de algo tão esperado!

Ficou um tempinho conversando com o menino, ali calmo e sereno, dormindo, aproveitando que a praça naquele momento estava vazia, somente um ou dois transeuntes passando, e depois foi embora. Sentiu uma paz naquele dia, parada ali a observar, mas logo que chegou na casa de sua família, se esqueceu do ocorrido e juntou-se à festa.

Agora um ano havia se passado e estava ela, novamente naquela mesma situação. Sentia até vontade de estar em casa naquele ano, descansando em sua cama, para não ver tanta felicidade estampada no rosto de todos, como se quisessem fazê-la lembrar de que estava sempre infeliz.

Conversou com seu marido para que desistissem naquele ano de festejar, e ele que concordou prontamente já conhecendo as dores de sua esposa, e tentando de alguma forma ajudar, a convidou para que fizessem um passeio em pequeno hotel fazenda ali próximo, uma vez que eles teriam somente dois dias de folga do trabalho e pouco dinheiro disponível.

Concordou com o passeio. Faltavam poucos dias para o Natal, mas desta vez ela se sentiu mais tranquila, já que estaria longe das perguntas e cobranças de todos os anos.

Preparou as coisas para o passeio e aguardou tranquila aqueles dias se passarem até chegar o dia que a reserva fora feita.

Em meio às tarefas do dia a dia, do seu trabalho e de todas as coisas que precisava fazer em casa, estava desatenta, despreocupada e seu marido percebendo que finalmente tinha conseguido fazer algo para deixar a esposa se sentindo melhor, passou a agradá-la ainda mais. Estava feliz e se sentia realizado podendo fazer algo por ela, que tanto amava.

Os dias foram passando, eles se entendendo muito bem e justamente faltando dois dias para o passeio, ela começa a se sentir muito mal. O marido preocupado com seu estado, ligava constantemente, mas nada a fazia se sentir melhor. No outro dia, sentia-se ainda pior. Faltou ao trabalho para ir ao médico. Ele que não podia deixar de ir ao trabalho pediu que a cunhada a acompanhasse e quase não pôde acreditar no que escutou ao chegar em casa. Estava demasiadamente aflito com o estado da esposa se sentindo mal e chegou a imaginar que a perderia.

Mas ao chegar em casa, encontrou a casa cheia de gente e uma notícia, que o pedido junto ao berçinho do menino Jesus, naquele natal passado havia sido realizado, eles teriam finalmente um bebê. O Menino Jesus tinha atendido as preces de sua esposa e lhe dado um presente de natal. Era um verdadeiro milagre, depois de tantos anos. Era um milagre de Natal!

Ainë Pena.



**Graciela Zeballos**

**Maldonado, Uruguay**

**Graciela Zeballos**

## **UN ARBOL DE NAVIDAD, MIS NIETAS Y YO**

Amadas nietas Emilia y Joaquina les contaré historias mientras armamos nuestro árbol de Navidad.

Hay tantas leyendas!!!

Algunas se las contaré para que queden en sus pequeñas memorias y un día las puedan contar.

Son las que han quedado en mi mente, pasajes de mi niñez cuando también armaba mi árbol de Navidad, hace años ya.

Se dice que el 8 de diciembre se debe de armar porque es la fecha donde se concibió a la Virgen Inmaculada Concepción, según la creencias religiosas Cristianas. Hasta el día 25 de diciembre fecha de nacimiento del niño Jesús.

Son días de alegría, de recogimiento espiritual a cada ser del mundo algo mágico único nos ocurrirá. Porque un espíritu renovar y el amor infinito de Dios nos tocará, claro dependerá de nuestra fé. Quizás ustedes pequeñas Emilia y Joaquina no lo comprenden aún.

Cuanto para contarles, son fechas para mi especiales un momento para compartir y a la familia unir.

He tenido muchos árboles navideños de varios tamaños pero con amor enorme he dedicado cada detalle para esperar con esperanza muchas gracias y bendiciones.

Según dicen historias las historias en el Egipto antiguo, son los que introdujeron plantas en los hogares durante el

solsticio de invierno, querían dar calidez y confort en esos días tan gélidos insoportables.

Así según cuentan ya mis abuelos muchas civilizaciones las culturas fueron dándole un significado a cada árbol de Navidad el que como nosotros armaban con tanto amor cada pieza en especial en esta época navideña donde suceden maravillas.

Alemana también como Gran Bretaña en las diferentes épocas de evolución humana tomaron esta tradición donde a tantos seres reúne para festejar.

España de hace presente en esta etapa festiva tan trascendental iluminando con esperanza almas deseando ser tocadas a nivel personal porque necesitan algo para ser feliz.

Como ven Emilia y Joaquina aún son pequeñas pero se que algo quedará en sus pequeñas memorias y el corazón uniéndonos hoy con amor familiar.

Todos nosotros pequeñas hoy, jóvenes mañana y en un futuro adultas tendrán que contar sobre este momento de felicidad, sonrisas y colores de este bello árbol que vamos armando para festejar la tan esperada Navidad.

Son leyendas que se avivan que crecen cada día que no podemos olvidar porque nos traen cosas bellas los misterios son revelados, transforman vidas se presentan milagros.

Como cuando en una noche antes de nacer el Niño Jesús.

Martín Lutero un fraile en Alemania, protestante teólogo, ve cruzar por el cielo una estrella fugaz, dejándolo sorprendido.

Queda conmovido por ese acontecimiento al visualizar como un astro sidereal, tan lejano le ilumina y transforma luego su vida.

New York la capital de las luces adhiere mas luces en la época navideña, se inundan hogares colores blancos como la nieve, azules como el cielo despejado límpido!

Destellos que iluminan seres y hogares.

Francia la capital del amor decora cada árbol con pasión representando el pecado original.

Son muchas las historias que les puedo contar pero dejaré alguna para la próxima Navidad.

En el mundo Anglosajón, en países bajos también un árbol tiene su lugar les agregan, el muérdago le dan un toque romántico.

Según las creencias de los Celtas tenían propiedades relacionadas con la fertilidad algo que daba potenciaba más la fé en esta planta tradicional como símbolo natural.

Cuanto traes bello árbol de Navidad cosas que no conocemos a pesar de mi edad aprendo cada día más.

El broche de oro nuestro niño Jesús, Salvador y Redentor para muchos cristianos como yo a nivel personal.

El aporte de Francisco de Asís le dio un toque especial espiritual al nacimiento de nuestro Niño Belén, llevando a España la presencia en cada árbol de Navidad.

Es precioso una bendición para todos sin distinción conocer el espíritu navideño el que nos une a todos los seres humanos sin importar donde estemos porque nos toca reactiva nuestros corazones llenandonos de fuerza, esperanza y paz a todos por igual.

Para mi hoy es de gran felicidad estar junto a vosotras niñas de mi vida en esta época navideña nos traerán bendiciones insospechadas.

Se trazaran nuevos destinos a muchos. regalos invaluables.

A otros llegara la calma mental o regocijo en el espíritu.  
La salud restableceran a enfermos que necesitan alivio espiritual.

La unidad familiar se reparará con hilos de plata u oro, irrompibles quedarán.

El amor infinito incondicional se expandirá en cada corazón en nuestro mundo para dejar de lado los conflictos, discordias y las guerras cesarán con sabiduria se llenarán las mentes se expresarán pensamientos bellas palabras las que contruiran puentes invisibles para llegar a mundos lejanos todo se dara de manera milagrosa lo sé asi podremos continuar nuestros caminos sin importar la edad.

Pequeñas son pedacito de mi alma hoy me hicieron recordar mi infancia, volví a ser pequeña, esa es la magia al armar este árbol de Navidad.

No olviden que cada árbol significa algo especial a nivel espiritual.

Por ejemplo el árbol del paraíso según cuentan místicos de épocas lejanas, historias sagradas volcadas en las santas escrituras.

Simbolizan cuando Adán y Eva comieron frutos prohibidos.

Donde cristianos decimos que en cada Navidad Jesucristo el Mesías viene a reconciliarnos como Humanidad.

Saben niñas muchos reconocemos o llamamos también Árbol del Mundo o Árbol de la Vida.

Amado y precioso árbol eres eterno en significado aún te cambiemos de lugar o te vuelvas más añejo.

Lo que se que nunca pierde su fuerza su poder espiritual porque siempre en cada hogar estarás en un lugar especial.

Nos brindas paz, esperanza das, nos llenas de emoción.

Quando generosos sos.

Nos haces reflexionar sobre nuestros pensamientos, sentimientos y acciones para nosotros mismos y el prójimo, nuestro hermano.

Nos remueves internamente sacudiendonos las fibras de nuestro ser despertando y renaciendo propósitos en esta vida tan necesario crear destinos seguros donde muchos crean mundos más pacíficos y seguros.

Casa árbol tiene grandeza por más pequeño que sea es la intención con que sea armado o iluminado porque reflejara nuestras almas a través de nuestras miradas, las ventanas de nuestra alma.

No olviden niñas al llegar Jesús niño con tanta luz, pureza y inocencia como ustedes no olviden pedirle bendiciones para todos en este mundo, el concederá cada petición.

Llegarán mensajes diversos benditos milagrosos que romperán murallas, el tiempo y espacio recorrerán caminos empedrados u oscuros como si fueran sonidos de campanas llenas de luz rompiendo esas cadenas de opresión en cada alma, serán muchos liberados.

Se subsanaran las heridas escondidas y correrán ríos de agua bendita limpias como copas de cristal.

Se llenaran las casas de amor y colores del arcoiris firmaran flores, regalos y belleza infinita qué transformarán nuestras vidas dandole ese sentido el que necesita.

Estoy agradecida al estar junto a ustedes hoy un regalo de Dios estar junto a mis dos amores armando este árbol de Navidad para esperar el niño Jesús.



**Henrique Lucas**

**Careiro - AM**

**Henrique Lucas****MILAGRE DO PÃO**

Era uma vez, uma Professora e líder social, morava no Centro Urbano de sua cidade, próximo dos bairros periféricos. Esta gostava de ajudar a todos que necessitavam de vossas ações, especificamente, com alimentação. A partir de então, ela passou a dedicar uma parte de seu tempo a servir com alimentação também, os moradores da periferia, numa singela praça, aos dias de domingo à tarde.

Certo ano ao cair do inverno, a praça estava deserta, por conta de uma severa estiagem, faltavam gêneros alimentícios nos mercados, comércio e programas sociais na cidade. E a Professora, continuava sempre a fazer a partilha de uma saborosa sopa, com auxílio e apoio de amigos. A líder não desistia de fazer tal caridade, mas a cada dia era mais difícil e escasso, pois já não haviam locais, para adquirir os preparos daquele alimento sagrado.

Até ao iniciar o mês de dezembro, a grande líder por dificuldades deixou de servi-los. Mas, todos espelhados em vossa persistência, resolveram, multiplicar tal ação. Antes, as crianças mandaram cartinhas para a Professora, com pedidos inusitados, dentre estes, casas, alimentação, brinquedos, abraços e sorrisos. Nas cartinhas, solicitavam que ela fosse até a pracinha, antes do nascimento de Jesus. E, na noite de véspera de Natal, todos foram para a praça e levaram algo, para celebrar o renascimento do Salvador.

Antes da meia noite, fogos estouravam no Centro da cidade, lá na pracinha, os sinos de uma plácida Igrejinha soavam. A Professora chegou, e foi recebida com salvas de alegria e agradecimentos por todas as vezes, que serviu aquele povo humilde. E ali houve um grande banquete todos louvaram e cantavam ao Senhor! A Professora emocionada declarou: "isto é o milagre do pão, isto é vida, o meu trabalho não foi em vão, Deus seja louvado". A partir de então, nunca mais faltou alimento na periferia e, aos domingos, todos encontram-se, para celebrar tal milagre. E, ao sabor de uma sopa quentinha, espera-se um novo Natal!



**Jonas Bandeira**

**Recife - PE**



**Jonas Bandeira**

**O VERDADEIRO NATAL**

Em uma manjedoura  
Nosso Jesus nasceu  
Os Reis Magos apareceram  
Trazendo alguns presentes  
Aos pais José e Maria ofereceram  
Mirra, incenso e ouro  
A Estrela Cadente os guiou  
Com um verdadeiro tesouro  
A eles os entregou  
Após seu nascimento  
Em Nazaré foram morar  
N'uma Sinagoga  
Jesus Cristo algum tempo viveu  
Ele então pregou  
A palavra de Deus  
Na sua peregrinação  
Pescador de homens se tornou  
Nas suas longas jornadas  
Doze discípulos formou  
Para levarem aos fiéis  
A palavra de Deus  
A Paz e muito Amor

Na Bíblia essa história  
Ela é muito presencial  
O nascimento de Jesus, o Deus menino  
É o "Verdadeiro Natal"

### **PRECISAMOS RENOVAR**

Só faltam dois dias  
Para o Natal chegar  
São vários meses de espera  
Em família vamos comemorar  
Esse mês se comemora  
O nascimento de Jesus  
Pra salvar dos nossos pecados  
Ele padeceu na Cruz  
O Novo Ano está surgindo  
E o Ano Velho vai embora  
Vamos pedir ao Pai  
Que nos dê a Vossa  
Glória  
Nessa estrada da Vida  
Com Deus vamos caminhar para Vitória  
Vamos todos unidos  
Ajudar o nosso irmão  
Na Paz vamos à Luta  
Esse ano vai ser de Renovação



**Karol Costa**  
**Campo Grande - MS**

**Karol Costa***Diretora de Projetos, AICLAB***ESPÍRITO NATALINO**

Quando se é criança se anseia pela chegada desta data, mas não pelo real significado que é comemorar o nascimento de Jesus, pelo contrário, é pela espera dos presentes que o bom velhinho vai entregar.

Aí quando se cresce percebe que o natal não se resume a troca de presentes, mas sim pela presença de quem se ama esteja ali em seu lado. Afinal, quando se perde um ente querido nestas datas comemorativas é que se percebe que a ausência de quem se ama pesa mais do que qualquer presente deste mundo.

A essência do espírito natalino é a fraternidade, amor ao próximo, caridade, compaixão. Aí surge a pergunta que não quer calar: Onde foi parar tudo isso?

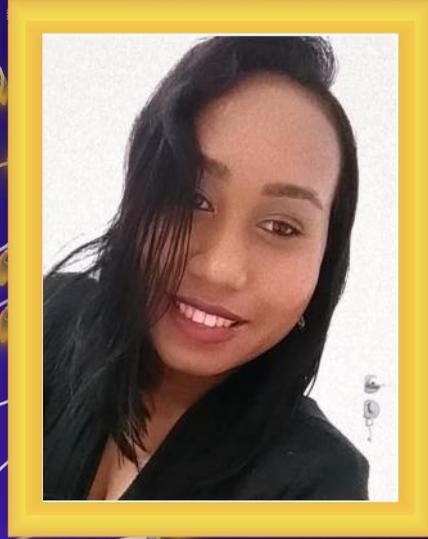
Certo dia conversando com o "Tio Luiz" ele disse uma expressão: "Feliz natal" e ele explicou que sempre ouvia essa expressão de um rapaz que passa vendendo seus quitutes pela cidade, um dia por curiosidade ele perguntou, o rapaz respondeu que ele dizia isso para que as pessoas se lembrassem do espírito natalino e fosse praticado diariamente, não mais numa data comemorativa.

De fato, se analisar friamente não adianta resumir uma ação em apenas num dia é algo que precisa ser praticado nos 365 dias ou 366 dias, as ações valem mais do que as palavras.

Se analisar a palavra oração, ela é clara (ora; ação), ou seja, fé sem ação não gera resultado.

Então a partir de hoje que o espírito natalino esteja presente em todos os momentos de sua vida como o amor do Pai Eterno.

Seja a mudança que tanto anseia no mundo, afinal a corrente do bem sempre encontro uma maneira de perdurar independentemente do tempo e do lugar, basta alguém começar.



**Kerly Coelho**

**Uberaba - MG**

**Kerly Coelho**

## MEU DESEJO DE NATAL

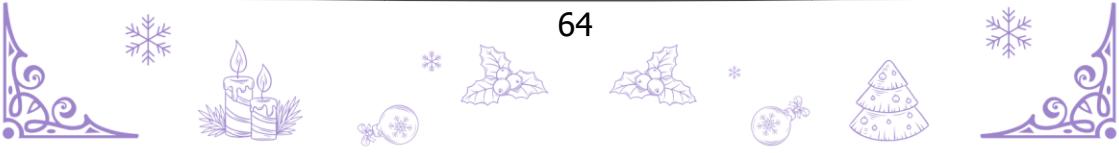
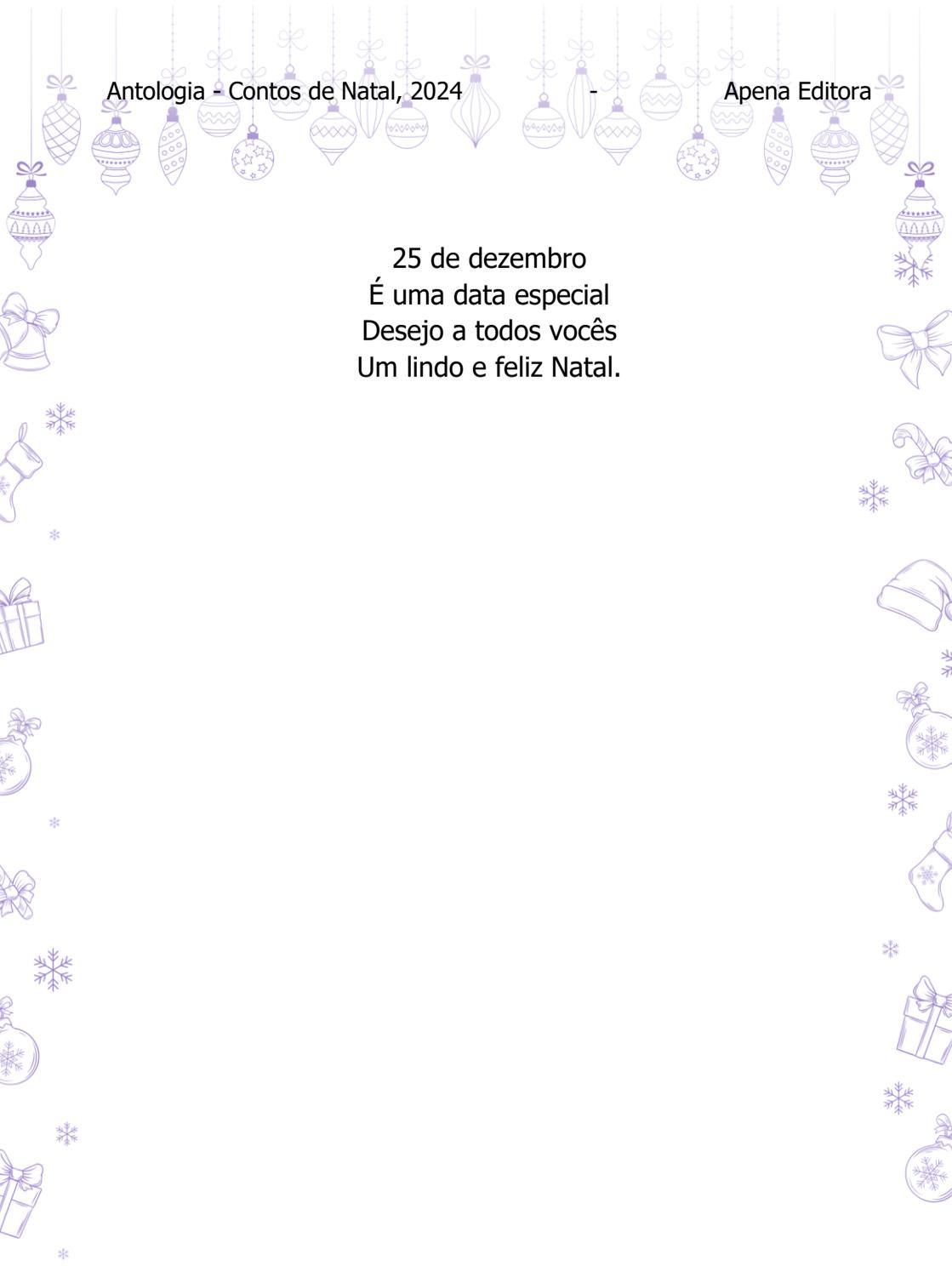
Desejo paz e saúde  
Amor e sabedoria  
Desejo a mim e a te  
Um Natal de alegria.

Agradeço a cada ano  
Por está de pé e festejar  
Com família e amigos  
Que a paz nos encontrará.

Natal é fonte de luz  
E reencontro em família  
É uma linda experiência  
Pra botar papos em dias.

Desejo que nesse Natal  
Suas conversas sejam longas  
Seus desejos alcançados  
Que todos saibam sorrir  
E ser todos abençoados.

25 de dezembro  
É uma data especial  
Desejo a todos vocês  
Um lindo e feliz Natal.





**Leuson da Cruz**

**Teófilo Otoni - MG**

Leuson da Cruz

## SIMPLISMO

Na porta de uma igreja  
Um mendigo sem saber  
Dormia em um cantinho  
Quietinho, sem perceber

O Cristo bem pertinho  
Observava o seu sofrer  
E com todo o seu carinho  
Lá estava para o proteger

Mesmo que alguém censurasse  
Sua diferente maneira de ser  
Só Ele, com infinita bondade  
Soube amar sem escolher

Na rua é comum se ver  
Alguém passar e condenar  
Porque bom samaritano  
Ninguém nesse mundo quer ser

Entre textos e contextos  
Existem tantas diferenças  
Quanto falam sem consciência  
Pois não conhecem os pretextos

Entre símbolos e simbolismos  
Quantos paralelismos há  
Só Cristo no seu simplismo  
É o único que sabe explicar

### O COCHO

No interior de uma gruta  
Havia um simples cocho  
Já quase apodrecido  
Rodeado de verdes gramas

Pelo tempo ali deixado  
E o feno nele encontrado  
Velho, seco e empalhado  
Parecia impróprio ao uso

De que tronco teria vindo?  
De uma árvore sem flores  
Que nenhum fruto teria dado  
Por isso é que fora cortado

Jovem em seus anseios  
Queria ser importante  
Parte de um grande barco  
Ou de uma caravela gigante  
Para enfrentar o mar aberto  
Na rota dos navegantes

Aquele cocho, por sua vez  
Não teria grande valia  
Feito por um homem rude  
Que nunca imaginaria  
Que o cocho ale deixado  
Ao seu humilde destino  
Seria o leito sagrado  
De um Deus ainda menino!





**Luiz Campos**

**Joinville - SC**

**Luiz Campos****VOLTO NO NATAL**

Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, vivi alguns destes 66 anos e que não são mais meus. Lá, conheci e aprendi a admirar uma pessoa que nos últimos anos tem tido a incumbência de promover o bem estar e distribuir a verdade do espírito através do conhecimento kardequiano. Sempre que o encontrava, seja qual fosse a época ou o momento, o cumprimento sempre é:

'- Feliz Natal!' - estávamos em junho, agosto ou fevereiro, não importava. Certa vez resolvi entender o motivo.

A resposta veio em forma de ensinamento, como sempre:

'- Acontece que as pessoas deveriam agir como se estivessem sempre no natal...' dizia ele com voz calma, porém insistente.

Tem razão, afinal, no natal todos estão com o coração amolecido, são mais pacientes, gentis, esquecem até mesmo o mal entendido com a sogra, cunhado, o vizinho intransigente, o patrão arrogante e mal humorado. Repare nos seus natais passados! Eu mesmo, quantas vezes deixei de lado o rancor, a raiva, o mau humor e dei um abraço, um aperto de mão, distribui sorrisos a tantos quantos apareceram em minha casa, ou nas convenções de natal em meu trabalho. Pois é, lembrome do amigo Carlos Prestes Sanches.

Quero aproveitar para lembrar que o natal está chegando.

E tem uma coisa importante que eu não posso deixar passar neste natal. O pedido de desculpas que eu tenho adiado há tantos anos, a visita que nunca aconteceu por que eu não acredito que a pessoa mudou a maneira de pensar e agir, e que talvez 'eu' é que devesse mudar a 'minha' maneira de entendê-lo; o amigo que se afastou porque 'eu' não soube compreender suas razões e impus o 'meu' modo de ser.

Penso que talvez eu não tenha um novo natal para fazer o que venho ensaiando há tanto tempo.

Que talvez eu mesmo não consiga chegar ao 'teu' natal.

O amanhã não existe, é fato.

Sempre foi construído no 'hoje'. Portanto, faço como o Carlos, manifesto meu natal 'hoje', sempre no presente, no agora.

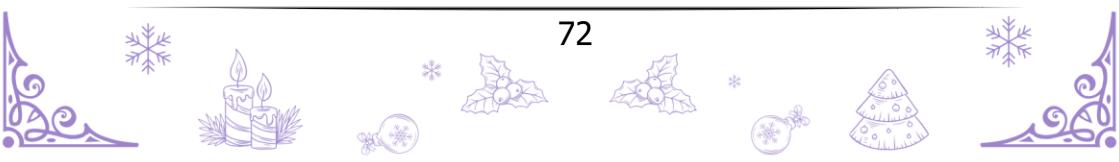
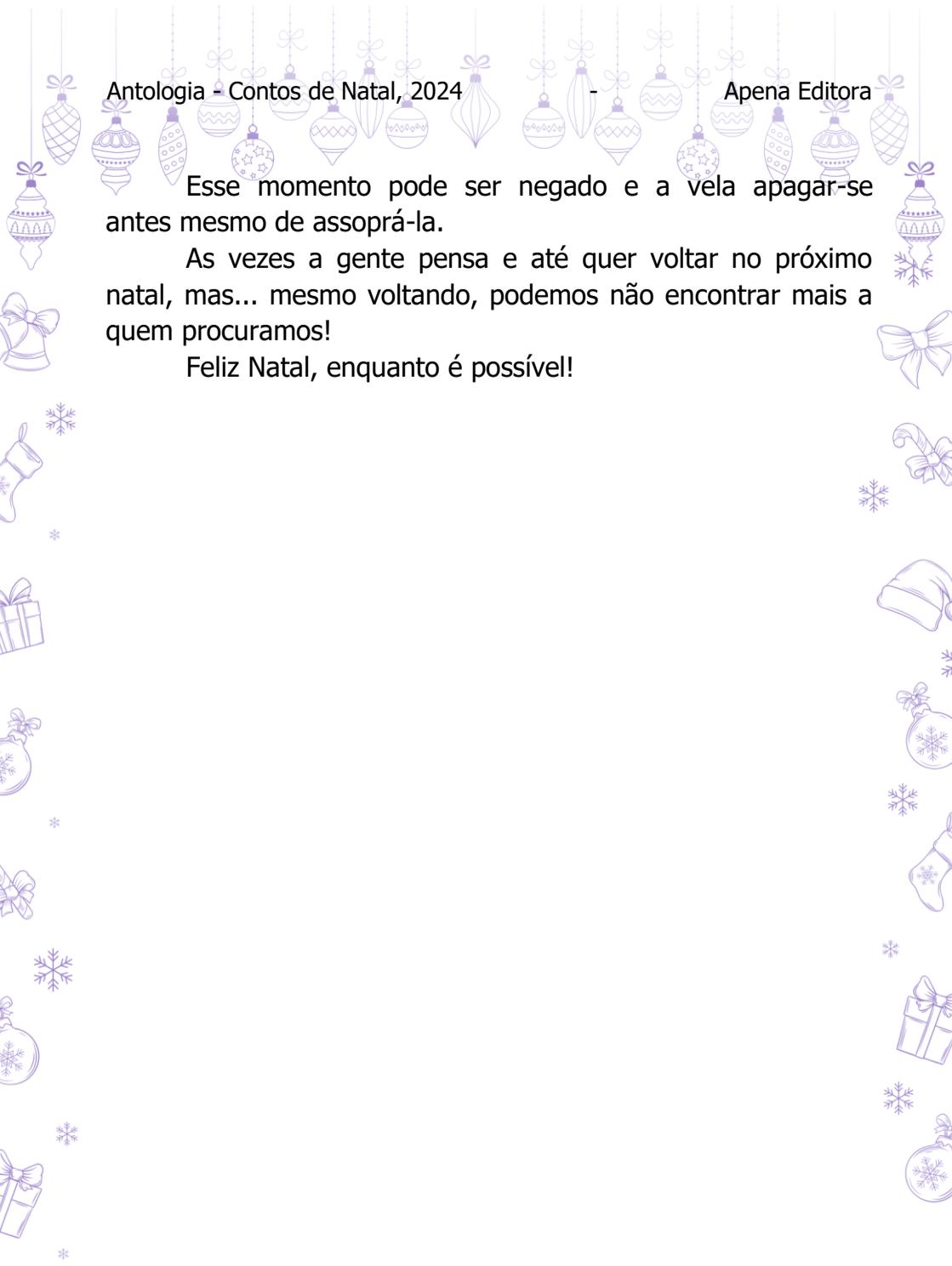
25 de dezembro para muitos e para mim é o nascimento do menino Jesus, mas, foi exatamente no momento em que Roberto Carlos se preparava para apresentar o seu especial de final de ano na programação, 25 de dezembro de 1991, por volta das vinte horas, minha mãe ouviu um grito vindo do quarto. Era meu pai dando o último gemido pela dor do rompimento de uma artéria renal, para em seguida desfalecer sobre a cama que durante anos o embalou em seus sonhos e prazeres. Fico feliz de saber que no dia do aniversário do menino Jesus, Ele esteve em casa para acompanhar nosso pai em viagem ao plano do trabalho redentor em preparo para um reencarne certamente mais evoluído.

É isso, não espere o natal para abraçar quem você tanto ama ou espera por reconciliação.

Esse momento pode ser negado e a vela apagar-se antes mesmo de assoprá-la.

As vezes a gente pensa e até quer voltar no próximo natal, mas... mesmo voltando, podemos não encontrar mais a quem procuramos!

Feliz Natal, enquanto é possível!





**Manoel Pena**

**Brasília - DF**

**Manoel Pena***In Memoriam***NATAL - CONTOS SOBRE MEU PAI**

by Ainê Pena.

Este é o primeiro Natal que passo sem o meu pai, meu companheiro na vida. Aos quatro meses de sua partida fico pensando em como seria este Natal com ele aqui. Claro que não seria muito diferente dos últimos. Ele lá atrás com suas invenções e seus *tuc-tucs*, batendo alguma ferramenta ou tentando parafusar algo, e eu aqui dentro correndo com artes e mais artes de natal para entregar antes da meia noite.

Desde pequena em minha casa, nunca fomos muito de importar com a data em relação à enfeites e decorações de natal. Sempre a preocupação era em procurar uma roupa nova para usar na noite do dia vinte e quatro e qualquer coisa simples para passar o dia na casa da vó no outro dia, o dia real do natal.

No dia vinte e quatro sempre tomávamos banho no final da tarde para estarmos prontos para o culto das vinte horas na igreja, e depois do culto, voltávamos para casa e íamos dormir.

Uma imagem que sempre tive em minha mente e que sempre me doeu por toda a minha vida, foi a de um dia de natal quando chegamos do culto e sentamos no sofá. Eu criança ainda, brava com meu pai porque ele não tinha buscado usar uma roupa nova naquele dia, que na minha cabeça, tínhamos obrigação de estar de roupa nova, e claro,

eu, minha mãe e minha irmã estávamos naquele dia como sempre, de roupa novinha e ele não.

Para quem conheceu meu pai, sabe que ele nunca se importou com essas coisas de se vestir com roupas bonitas e novas, mas aprendi com minha mãe de pelo menos nas ocasiões especiais, nos dias de datas importantes, me colocar em roupas bonitas. Apesar que nos outros dias, sou como meu pai, realmente não me importo nadinha em estar arrumada e com uma linda roupa.

Mas aquele dia em especial, ficou marcado na minha memória. Além do meu pai não estar de roupa nova, ele ao tirar o sapato, deu para ver uma quantidade enorme de buracos em sua meia, e enquanto brincávamos e reclamávamos com ele por estar vestido daquela forma, com uma roupa que usava sempre, meu coração doeu vendo que suas meias estavam precárias.

Cada vez que, durante todos esses anos, eu saía para comprar uma roupa para ele, ou quando passava em uma vitrine e via uma camisa lindíssima pendurada, eu me lembrava daquela cena e falava para mim mesma, o que repeti muitas e muitas vezes tanto para ele, quanto para outras pessoas que comentavam que eu sempre comprava as roupas dele:

- Meu pai trabalhou a vida toda, muitas vezes se sacrificou ficando até com fome para não gastar dinheiro com lanches e poder trazer as coisas para casa, agora ele não precisa mais e precisa gastar o dinheiro vestindo roupas boas e bonitas!

E realmente. Muitas vezes meu pai saía para trabalhar com uma comida mais ou menos que eu fazia, pois, criança não sabe cozinhar bem, e passava o dia todo sem comprar

lanche, e só vinha comer novamente, em casa, só para sobrar dinheiro para comprar as coisas para eu e minha irmã.

Eu não poderia deixar meu pai andar com qualquer roupa. Para mim, nunca me importei, mas para ele, somente as melhores coisas que poderia comprar. Ele merecia, por ser meu pai e por ter trabalhado tanto.

Aquelas meias furadas sempre me doeram e sempre vão doer meu coração a cada Natal. As meias furadas de um pai que se preocupava em dar à sua família o que ela precisava e não se preocupava com o seu próprio bem estar.

Hoje sem ele aqui, uma coisa eu penso: Pelo menos nos últimos vinte anos, ele pôde usar roupas lindas que fiz questão de eu mesma ir comprar. Camisas de boy, como dizem por aí, que ele fez muita pirraça para usar, mas que depois que escutou de outras pessoas que ele tinha ficado bonito, não parou mais de usar. Só lamento a quantidade de roupas que ele não fez questão de usar. Os pijamas novinhos que ficaram, com bichinhos e suas combinações de bermudinha e camisetas. Já as cuecas de seda, essas ele usou até como short, indo lá fora com elas ao cuidar de suas plantas e quando eu via o via assim, dizia:

— Pai, o senhor sabe que isso aí não é short, né? É cueca, pai.

Ele só sorria soltando um som meio que de deboche, meio crítico e saía pra lá com uma pá ou uma planta na mão. Os vizinhos nem ligavam, afinal, era uma cueca de seda quase como um short, quem se importava, não é?

Esse véim teimoso e birrento que foi meu pai, uma pessoa maravilhosa no quesito ser boa com as pessoas. Com um coração bom e enorme, e que sempre ajudava a todos. Sempre cuidou de mim, enquanto aqui, também cuidava dele.

Cada um a seu modo. Como uma amiga sempre diz, éramos unha e carne. Hoje estou aqui, meu primeiro Natal sem ele. E o que vou fazer? Nada, né? Só continuar o meu trabalho como fazia sempre em todos os Natais. O que fica é só a lembrança, porque ele sempre estava aqui comigo, entrando e saindo de dentro de casa para o terreiro umas duzentas vezes por dia. Já meus gatos é que mais sentem falta desse entra e sai danado. Que saudade do meu véim, e é só o primeiro Natal sem ele aqui!



**Maria Consuêlo**

**Rio de Janeiro - RJ**



**Maria Consuêlo****O "BOM VELHINHO" NUNCA VINHA**

Lembro-me de, quando criança, durante a Ditadura Militar, eu, minha mãe e irmãs pequenas, vivíamos em situação muito difícil. Foram momentos de muita vulnerabilidade, mesmo!

Quando chegava o período do Natal, eu percebia uma grande "movimentação", antes da chegada de um tal "bom velhinho", também chamado de "papai Noel".

Eu tentava entender quem ele era, pois não conheci o meu pai e nenhum dos meus avós. Eu ainda sofria com o deboche de muitos colegas, que, na verdade agiam como inimigos, uma vez que faziam questão de enfatizar que tinham os familiares que eu, não. E como tudo isso doía no meu coração infantil!

Nós éramos pessoas pretas, simples e pobres; mãe doméstica, que era analfabeta...

Nas outras residências, os brinquedos sempre chegavam, e as crianças saíam risonhas e alegres, indo nos mostrar os seus presentes.

Eu perguntava à minha mãe o porquê do tal "bom velhinho" nunca ir até a minha casa, também. Eu acreditava que ele era, na verdade, um "mal velhinho", pois levava alegria para umas crianças, enquanto outras sofriam e choravam, copiosamente.

Cresci. No entanto, percebo que ainda há muita "romantização" em relação a esta festa. E, enquanto muitas crianças têm festas faraônicas e presentes multimilionários, outras passam fome e a pobreza se perpetua em muitas partes do Brasil e do mundo, e com um "pouco de sorte", estas conseguem um prato diário de comida ou permanecem "vivendo nos estábulos", e em "pobreza cristã".



**Maria de Abreu**

**Valparaíso - GO**

**Maria de Abreu****UM NATAL COM BISCOITOS**

Hoje pensando nas coisas que já passaram, me lembrando dos Natais vividos, me lembrei de um natal em específico, com poucos meses de casada, no ano de 1975, com meu esposo Manoel Pena na época e hoje pai das minhas filhas Ainê e Ênia. Me lembrei daquele primeiro natal que vivi como casada, hoje, dia vinte e quatro de dezembro de 2024, há quarenta e nove anos atrás.

Acostumada com uma família grande e de estar sempre rodeada de gente, naquele natal, aquele primeiro natal na minha nova casa, um barraco de madeira no fundo de um lote no setor leste da cidade do Gama-DF, que foi minha primeira moradia por dez meses antes de me mudar para a casa no setor central da mesma cidade onde vivi todo o restante do meu casamento com ele e minhas filhas. Falando do primeiro natal, fomos convidados para comemorar na casa da minha cunhada Luiza Pena e Valdemar, com toda a família do meu esposo, mas ele recusou o convite e ficamos em casa.

Ele que não gostava muito de se divertir em festas e comemorações, escolheu trabalhar em casa com madeiras na noite de Natal em lugar de estar confraternizando entre sua própria família, e eu como esposa também fiquei em casa fazendo companhia e trabalhando fazendo biscoitos e doces.

Nesta época tínhamos poucos meses de casados e ainda não tínhamos filhos, e foi como eu passei o meu primeiro natal

de casada, só eu e meu esposo. Ele em seus trabalhos manuais em madeira e eu na cozinha cozinhando uma porção de doces e biscoitos.

Em lugar de escutar fogos de artifícios eu passei a noite cuidando das guloseimas para o dia seguinte.

Imagina você, uma moça nova, casada de pouco e acostumada a viver em família com pai, mãe e irmãos, e ali passando seu primeiro natal em sua nova família, esposo e esposa, ainda sem filhos, em um dia festivo, cada um trabalhando em uma parte da casa.

E foi assim que comecei minha nova vida, longe da minha família e agora em uma casa silenciosa, somente duas pessoas, o que foi assim por uns cinco anos.

Dai veio a primeira filha Ainê gerando mais alegria e algumas mudanças, e depois de oito anos a segunda e última filha Ênia, trazendo mais movimento para a casa e a família. E cada Natal seguiu com suas particularidades...

## Conto de Natal

By Apena

### DESEJO DE NATAL

Ser criança é viver e criar fantasias. Esta é a melhor parte da infância, as viagens ao mundo da imaginação, pois se tem muito tempo para ficar ali criando e recriando, juntando coisas reais e imaginárias em um mundo novo, todo colorido.

O natal juntamente com o papai Noel é uma parte significativa nesta fase, mas Lara já sabia que Papai Noel era mera invenção da humanidade e que ninguém desceria pela chaminé para trazer-lhe um presente no dia vinte e quatro de dezembro, véspera do natal. Ela sabia que ao acordar no dia vinte e cinco, nada estaria em baixo da árvore de natal esperando por ela, afinal, nem árvore tinha ali em sua casa, mas ela foi dormir naquele dia sonhando acordada imaginando que algum milagre de natal pudesse de repente acontecer e que ao acordar no outro dia, seu desejo estaria realizado.

Havia passado o ano sendo uma boa menina, estudando de vez enquanto, já que não acostumava estudar muito, não precisava, e tentava vez ou outra fazer as tarefas de casa. Claro que a professora no outro dia ia reclamar por não fazer o dever de casa, mas que mal faria se no dia da prova, ela poderia resolver todas as coisas que era pedido ali? O que aprendia em sala de aula era o suficiente!

Já em casa, de uma forma ou de outra, sempre ajudava. Ou de boa vontade, ou depois de levar uma surra, sempre fazia o que lhe cabia fazer, lavar a louça, varrer a casa,

arrumar seu quarto, mas em termos gerais, era uma boa menina. Meio teimosa, mas ao seu ver, existiam outras crianças mais terríveis, que era bagunceiras, mal educadas e que só tirava nota baixa e ela não era nada disso. Resumindo, sim, era uma boa menina.

Sua mãe a havia prometido que se passasse de ano, naquele ano, poderia ganhar uma bicicleta de natal, e era o que ela mais queria. Já havia pedido muito para ganhar uma e naquele natal, relembra que durante todo o ano, havia se esforçado para receber o que lhe foi prometido. Afinal, foi uma promessa e a parte dela, ela havia cumprido. Mas será que a mãe cumpriria a parte dela também? Não havia visto nenhum movimento diferente durante a semana, será que a bicicleta estava escondida em algum lugar?

Se deitou após chegar do culto de natal na igreja e ficou imaginando. Um sentimento de tristeza lhe invadiu o coração pensando que talvez o seu desejo não fosse, mais uma vez, ser realizado. Estava sentindo que a mãe não lhe daria uma bicicleta de presente de natal naquele ano.

Pensando na fantasia de que, de repente, algo fosse diferente e que, de verdade, recebesse um presente no outro dia, adormeceu. Era bom fantasiar que poderia ter um presente tão caro assim e que talvez, quem sabe, o papai Noel existisse, e que ele em algum lugar viria ali lhe trazer este agrado.

No outro dia de manhã foi acordada pela mãe sorridente com uma boneca de pano na mão. Aquela boneca vermelha, bem acabada com detalhes em rendinhas brancas, era um agrado que sua mãe tinha para lhe dar. Sentiu uma tristeza muito grande naquele momento. Não gostava de enfeites e estava ali, além de não receber a recompensa que lhe fora

prometida, ainda recebendo uma boneca que nem poderia brincar. Como isso lhe doía por dentro. Sentia um desânimo terrível pois naquele momento teve a certeza de que jamais teria uma bicicleta, e isso lhe frustrava muito.

Uma bicicleta era algo caro e ela jamais teria dinheiro para comprar uma, mesmo que passasse a juntar cada moedinha que ganhava ou que achava na rua. Poderia juntar durante anos que jamais poderia comprar, ela mesma, uma bicicleta.

Receber de presente? Isso jamais aconteceria. Um tio não lhe daria, conhecia bem os tios que tinha. Mesmo que tivesse dinheiro, jamais lhe daria algum presente, por mais barato que fosse, e seus pais também não lhe dariam. Sua mãe era sua última esperança, pois esta era a única que ainda pensava em dar-lhe algo para agradar, mas esta não entendia como coisas assim eram importantes para ela. E vendo que mesmo depois de uma promessa, a mãe não lhe deu, então definitivamente nunca teria seu desejo atendido.

Aquela boneca vermelha que não tinha nada a ver com toda a sua história da bicicleta, o desejo da mãe lhe agradar também não, mas a sua frustração de criança que desejava muito um presente especial, lhe marcou na memória. Queria muito poder brincar com as crianças na rua onde morava, acompanha-las em suas brincadeiras com bicicleta. Queria também aprender a pedalar, mas tinha vergonha pois não dava conta de andar sem rodinhas e as crianças não permitiam que ela tentasse com as bicicletas delas. Seu pai tinha uma, mas era grande e não tinha como tentar. Até tentou um dia, insistindo muito a seu pai que lhe segurasse, mas sem paciência ele não continuou a ensiná-la, e assim ela ficou, sem nunca aprender a pedalar uma bicicleta. Cresceu assim.

Aquela boneca vermelha lhe trazia tristeza. Todas as vezes que entrava em seu quarto e que olhava a boneca ali de enfeite, sentia uma dor por dentro, a frustração lhe invadia o peito e se sentia como se tivesse obtido um fracasso em alguma parte na vida, como se precisasse desesperadamente fazer algo com sua vida para suprir aquela falta que tinha ali. Cresceu sem saber a andar de bicicleta, escondendo de todos, que não sabia pedalar, para não ser criticada e ridicularizada pelos que a rodeavam e tomou raiva de tudo que tinha a ver com o assunto. A boneca? Esta não se sabe onde foi parar, mas a lembrança e a frustração, esta nunca se foi, só ficou guardada, escondida em um quarto escuro dentro do seu coração, lá naquele setor das frustrações vividas.

Ainë Pena.



**Mitiko Une**

**Rio de Janeiro - RJ**

**Mitiko Une****NATAL! NATAL! NATAL!**

Todas crianças estão felizes. Natal é dia de comidas gostosas e de reunião de parentes e até de amigos. É dia de ganhar presentes do Papai Noel, dos tios, do vovô, da vovó e até amigos do papai e da mamãe. Mas tem de escrever uma Cartinha para o Papai Noel dizendo o que desejam receber. Papai Noel deixa o presente dentro do sapato. Estes ficam na janela do quarto de quem faz o pedido. É o que os coleguinhas falam. A japonesa Sayuri, com sete anos de idade, ouviu dos coleguinhas da escola. A família da Sayuri está no Brasil desde 1947, logo depois do final da Segunda Guerra Mundial e moram na fazenda Barro Quente, lá no interior de Goiás.

No Japão, a família vivia numa pequena cidade na Ilha de Shikoku e não conheciam os costumes ocidentais. Mas seguindo a legislação japonesa, todas as crianças devem frequentar a escola a partir dos sete anos de idade. E seus pais matricularam Sayuri seguindo a Lei japonesa. Ao frequentar a escola, vai fazendo novos amiguinhos e assimilando rapidamente os costumes ocidentais desconhecidos pelos seus pais. Tudo isso concorre para a menina ampliar o seu círculo de amizade e aprender o português além de assimilar a vida no mundo ocidental e principalmente aprender hábitos ocidentais passando para a mamãe japonesa. Para os pais, ter a pequena entendendo a língua e os costumes era entender o mundo brasileiro e ajudar os pais no dia a dia da nova terra.

A menina, com sete aninhos, ficou sabendo da chegada do Papai Noel na noite de vinte e quatro de dezembro. As coleguinhas da escola estão animadas. Elas vão escrever cartinhas com os pedidos para o Papai Noel deixar dentro do sapato na noite do dia vinte e quatro.

- Que Papai Noel inteligente! É muito rápido. Mal lê a carta e já deixa o presente!

Concluiu e comentou com a coleguinha Marcia.

Sayuri, ansiosa, deixa a cartinha escrita em português na janela. Na manhã do dia 25 ela abre a janela. Não tem presente. Ela chora. Por que?

Sayuri desconhecia que não há comemoração de Natal lá no Japão. E, mesmo que os seus pais soubessem, eles são imigrantes pobres e não têm recursos financeiros para presentear a filha.



**Myrinha Vasconcellos**

**Brasília - DF**

**Myrinha Vasconcellos****O MILAGRE DA ESPERANÇA NO NATAL**

Acredite na magia do Natal e nos milagres  
que a fé pode trazer.

Uma menina cheia de vida e alegria, nasceu em uma família religiosa, feliz e bem estruturada, que morava em uma ilha encantadora. Vamos chamá-la de Clarinha.

Desde pequena, era conhecida por seu sorriso contagiante e sua fé inabalável. No entanto, aos três anos e meio, sua vida mudou drasticamente quando seu pai sofreu um grave acidente, necessitando ser levado ao Rio de Janeiro para tratamento. Lá, passou por quatro cirurgias no período de cinco longos anos, na tentativa de salvar sua perna direita, vítima de um erro médico.

Cinco Natais se passaram sem a risada espontânea do pai ecoando pela casa. A cada ano, a árvore ficava mais alta, os presentes se acumulavam sob seu pé, mas o vazio deixado por sua ausência era impossível de preencher. Clarinha, com seus pequenos dedos apertando o crucifixo de madeira que ele lhe dera antes de partir, rezava todas as noites, com a fé pura de uma criança, pedindo ao Menino Jesus que trouxesse seu pai de volta. Em sua mente infantil, perguntas borbulhavam como bolhas de sabão:

"Por que o Papai Noel não o traz este ano? Será que ele se perdeu no caminho?"

"Quando ele vai voltar para me contar histórias antes de dormir?"

Em um mês de agosto, pouco antes de Clarinha completar oito anos (ela faz aniversário em novembro), sua oração foi atendida. Seu pai recebeu alta e voltou para o lar. Que reencontro emocionante! Clarinha não o reconheceu – quando foi para o Rio de Janeiro, fazer o tratamento, a menina se lembrava do momento em que seu pai foi colocado na ambulância e sorrindo lhe disse que voltaria logo, naquele momento ela passou a mão nos seus cabelos, negros, uma lágrima surgiu nos olhos do seu pai.

Na data do seu retorno, quando entrou em casa ela se assustou, pois se viu diante de um homem quase careca e os poucos fios de cabelos que lhe restavam eram totalmente brancos. De pronto, Clarinha se agarrou com sua mãe, enquanto ele pedia um abraço e a menina respondeu: "o senhor não é o meu pai, ele tem cabelos pretos, o senhor nem cabelos quase tem mais.

Uma ponta de tristeza tomou conta daquele pai, que tanto esperava abraçar a sua filha amada. Porém, sabiamente lhe perguntou: "quem contava a história da Cinderela pra você antes de dormir e as vezes trocava alguns pedaços e você pedia para começar a história novamente?"

Clarinha correu para os seus braços, sentindo o perfume familiar que tanto sentira falta, nos últimos cinco anos. Seus olhinhos brilhavam, enquanto ela o abraçava forte, como se temesse que ele pudesse desaparecer novamente. Juntos passaram o final da semana, foram visitar à avó paterna, que emocionada recebeu o seu único filho, dentre as sete filhas que teve.

Na semana seguinte ele retomou o trabalho, mas precisava fazer curativos diários na perna, que não estava cicatrizada completamente. Apesar dos cuidados, o risco de complicações permanecia, e a família vivia com essa constante preocupação.

No mês seguinte, setembro, uma ligação do querido tio Arthur, que morava no Rio de Janeiro e havia sido um grande apoio durante os anos de tratamento, trouxe uma nova esperança. Arthur sugeriu que o pai de Clarinha consultasse um médico homeopata renomado, que estava tendo sucesso em tratar casos complicados semelhantes.

Arthur ofereceu a consulta que havia agendado para sua própria filha, na esperança de ajudar o cunhado.

A viagem ao Rio de Janeiro foi feita sem hesitação. O homeopata prescreveu um medicamento e pediu que retornasse ao consultório em caso de qualquer reação adversa nos primeiros cinco dias.

No dia seguinte, a mãe de Clarinha foi às compras com a irmã, em Copacabana, só retornando para casa após às 15h. Ao chegar se surpreendeu com um quadro de febre alta, apresentando delírios do seu marido. Apavorada, ligou para o consultório e foi orientada a voltar imediatamente com a receita do medicamento.

No consultório, o médico, com uma calma reconfortante, explicou: "Essa reação é um sinal bem positivo. Seu marido está no caminho da cura. Com fé e seguindo todas as minhas orientações, a cicatrização começará a se manifestar dentro de 30 dias e, em 90 dias, estará completa."

Nos meses de outubro e novembro, a cicatrização parecia bem lenta, mas a família manteve a fé inabalável. Quando dezembro chegou, iniciaram os preparativos natalinos,

com grande entusiasmo. Clarinha e seu irmão ajudaram a montar a árvore de Natal, que era quase o dobro da altura dela, e decoraram os pés da árvore com o presépio doado pela avó materna com muito carinho.

A comunidade católica local estava realizando a Novena de Natal, e a última noite seria na casa de Clarinha. Durante a novena, a voz de Clarinha, embora pequena, ecoou pela sala, carregada de uma fé pura e inabalável, chamando a atenção dos presentes:

"Peço ao Menino Jesus...", começou ela, com os olhos fixos no presépio, "para sempre abençoar nosso lar e que meu pai fique bom antes do Ano Novo. Rezem comigo, por favor".

Um silêncio emocionado pairou no ar, quebrado apenas pelos soluços contidos de sua mãe. Seus pais a envolveram em um abraço apertado, sentindo a força daquela fé infantil que irradiava esperança para toda a família.

Na manhã do dia 27 de dezembro, o aroma do café fresco inundava a casa, misturando-se ao cheiro adocicado dos biscoitos natalinos que ainda restavam na mesa. Clarinha, ainda com os cabelos despenteados, seguia a mãe rumo à copa, quando ouviu a voz do pai, com um tom de alegria e alívio que ela não ouvia há muito tempo. "Deus escutou seu pedido, minha filhinha. Vejam minha perna".

Clarinha paralisou! Com o coração batendo forte, seus olhos se arregalaram ao ver a cicatriz, antes vermelha e inflamada, agora uma fina linha rosada sobre a pele.

Sem conseguir conter a emoção, correu para os braços do pai, as lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto tocava delicadamente o local curado, como se quisesse ter certeza de que não era um sonho.

Com a curiosidade brilhando nos olhos, Clarinha perguntou o que era um milagre. "É Deus tornando realidade um pedido feito com muita fé, filha", respondeu a mãe, com a voz embargada pela emoção. "Como o seu pedido, meu amor. Você clamou com toda a pureza do seu coração, e Ele ouviu. A fé é acreditar nisso, com toda a sua alma".

A partir daquele dia, a fé de Clarinha se fortaleceu ainda mais. Ela aprendeu, com o exemplo vivo do milagre, que a esperança e o amor, quando unidos à fé, podem transformar até mesmo as situações mais difíceis. E, mesmo nos momentos de provação que a vida lhe apresentou.

Clarinha sempre se lembra daquele Natal mágico, da cura de seu pai e da certeza de que, como dizia sua avó, os anjos sempre dizem "Amém" aos pedidos de uma criança com fé no coração. E ela sente, até hoje, que Deus a carrega no colo.



**Neuza Mª B. Albarello**

**Goiânia - GO**

**Neuza M<sup>a</sup> B. Albarello**

**NATAL**

Nessa data todos ficam sensíveis  
Presentes sorrisos e fotos  
Perdão sempre que for possível

Não esquecer que Natal é o ano todo, sempre que ajudar o  
outro você se ajuda por isso use essa data para não ser única

Vá as ruas olhe e se sensibilize  
Se não puder ajudar  
Não prejudique

Mas ninguém é tão pobre de espírito que não consiga usar  
essa data, que comemora o renascimento de Jesus

Faça o seu irmão renascer das cinzas, sem sentir fome frio dor  
e sem medo de acordar no Natal e não ter nada pra sua ceia.



**Rachel Capucio**

**Belo Horizonte - MG**

**Rachel Capucio****O NATAL DE LUZIA**

Na vila de São Gabriel, o Natal era a época mais esperada do ano. As ruas eram enfeitadas com luzes coloridas, o cheiro de panetone tomava conta do ar, e crianças corriam alegres de um lado para o outro. No entanto, naquele ano, uma notícia triste deixou os moradores abalados: Dona Luzia, a idosa mais querida da comunidade, corria o risco de perder sua casa por causa de uma antiga dívida com o banco.

Aos 78 anos, Luzia era conhecida por sua generosidade. Sua casa azul, rodeada de flores, sempre esteve aberta para quem precisasse de comida ou um pouco de conforto. Saber que ela poderia ser despejada logo antes do Natal deixou todos profundamente comovidos. Mas o que poderiam fazer? Os moradores eram simples trabalhadores, sem muitos recursos.

Foi então que João, um menino de 10 anos, teve uma ideia: ele e seus amigos começaram a fabricar cartões de Natal com papel reciclado. Em cada casa, eles batiam à porta dizendo:

— Estamos salvando a casa da Dona Luzia!

O esforço das crianças inspirou os adultos. Em poucos dias, a vila organizou uma feira natalina para arrecadar dinheiro. Os comerciantes doaram parte de suas vendas, as artesãs fizeram presentes para vender, e até seu José, que não tocava sanfona há décadas, ofereceu uma apresentação especial.

Enquanto isso, a história de Luzia foi parar em um jornal regional. Um repórter, emocionado com a união da comunidade, divulgou a notícia, e doações começaram a chegar de lugares distantes.

Na véspera de Natal, Luzia não sabia de nada. Achava que passaria a noite sozinha, como sempre, até que ouviu batida na porta. Ao abrir, encontrou toda a vila reunida, segurando velas e cantando músicas natalinas.

João, com um envelope na mão, disse:

— Dona Luzia, conseguimos. A casa é sua.

Dentro do envelope estavam os documentos da casa, agora quitada, e uma carta assinada por todos os moradores. Com lágrimas nos olhos, Luzia disse:

— Vocês me deram o maior presente que eu poderia sonhar.

A partir daquele Natal, a casa azul de Dona Luzia se tornou o coração da vila. Todos os anos, ela organizava uma grande ceia aberta para quem quisesse participar. Sua história, que começou com uma dívida, terminou como um exemplo de união e amor, mostrando o verdadeiro espírito natalino.



**Rosangela Calza**

**Florianópolis - SC**

**Rosangela Calza***Vice-presidente, AJEB/SC***UM CONTO DE NATAL**

É dezembro. Os dias estão mais compridos, o sol demora a desaparecer na linha do horizonte. As ruas da cidadezinha, as praças e muitas casas começam a pirilimpipar luzinhas coloridas... árvores também piscam... piscam...

As ruas estão mais movimentadas... gente pra lá e pra cá. Pacotes coloridos em todo lugar.

E as vitrines das lojas!!! Que maravilha... como as pessoas amam deixar tudo tão lindo quando dezembro chega e se aproxima a época mais feliz do ano – o Natal.

Pedro Luiz conhece todas as ruas de sua cidadezinha... já brincou em todas as pracinhas... jogou futebol na areia da praia... tomou muito banho de mar na praia que despeja suas ondas bem em frente da casa onde mora.

Seu pai é pescador. Sua mãe cuida de tudo em casa... comida gostosa, roupa cheirosa, machucados bem cuidados e até o ajuda quando complica o dever de casa passado pela professora.

Pedro Luiz gosta de estudar, gosta de ler... toda semana passa na biblioteca de sua escola e leva pra casa um livro emprestado. Pedro Luiz é um bom menino: obediente, estudioso, amável... e até já ajuda seu pai a lavar o barquinho, limpar os peixinhos... e faz tudo com muito carinho.

Pedro Luiz tem 8 anos. Já enviou três cartas ao Papai Noel em Natais anteriores... mas a sua bicicleta nunca chegou em sua casa.

- 'Ah! Papai Noel esteve muito ocupado... ou... minha cartinha não chegou – afinal o Polo Norte é tão longe'... e vai criando mil opções pela cartinha não respondida.

Mas ele não perde a esperança. Todo dia, no caminho da escola, passa em frente à loja que vende brinquedos e lá está a sua tão amada bicicleta... 'uma hora Papai Noel vai atender meu pedido', pensa ele toda vez que a vê e seus olhos brilham como as luzinhas que enfeitam a cidade.

Neste Natal Pedro Luiz teve uma ideia genial. 'E se eu enviar um Whatsapp pro Papai Noel... com certeza ele vai ler e vai me atender'.

Mas, Pedro Luiz não tem celular.

A ideia não sai de sua cabeça. Como resolver?

Um dia, ele criou coragem, entrou na loja e explicou a situação pra um vendedor, que o ouviu atentamente com um sorrisinho de quem já havia ouvido aquela história dezenas de vezes por muitas outras crianças. Afagou o menino e foi atender um cliente.

Pedro Luiz entendeu que aí não havia encontrado a solução. Fazer o quê?

Só que a vontade de pedalar por aquelas ruas sentindo o vento bater forte em seu rosto era muito... mas muito forte. Então, no dia seguinte, reuniu mais um pouco de coragem, entrou na loja, procurou o vendedor e perguntou pra ele se ele poderia enviar uma mensagem pro Papai Noel do seu celular.

O vendedor já estava pronto pra dizer um sonoro não... mas se lembrou de quando era criança e dos momentos em

que vários de seus sonhos tinham ido água abaixo em direção ao mar.

Resolveu resolver a situação de Pedro Luiz. Escreveu uma mensagem ditada pelo menino, mandou pra si mesmo e falou:

- OK, Pedrinho... feito. Agora vamos esperar.

A semana inteira Pedro Luiz passou na loja e nada de uma resposta positiva... nada de nada. Será que seu sonho iria se afundar mais uma vez?

Os dias passaram e chegou a véspera de Natal. Nada! Absolutamente nada!

Não havia outro jeito a não ser se conformar. Quem sabe no próximo Natal?

A mãe preparou uma ceia gostosinha, convidou tios e tias, primos e primas de Pedro Luiz e estavam ao redor da mesa para saborear as delícias que estavam sobre a mesa.

Toc... toc.. toc...

O pai abre a porta... 'será que hoje teremos algum vizinho por aqui também?' – pensou.

- Ho... ho... ho... boa noite pessoal... é aqui a casa do Pedro Luiz? Tenho uma encomenda pra ele.

E tirou do carro uma caixa enorme com um laço de fita maior ainda. Todos ficaram surpresos... ninguém na família teria dinheiro pra comprar um presente daquele tamanho.

Pedro Luiz correu, segurou o pacote (com ajuda do Papai Noel), rasgou o papel, abriu aquela caixa enorme e... sim... a sua bicicleta chegara.

Nem preciso contar da alegria que foi aquele Natal, não é? Um Papai Noel disfarçado de vendedor? Ou... Um vendedor disfarçado de Papai Noel.

Não importa, né!?



**Sandro Brustolin**

**Marau - RS**

**Sandro R. Brustolin****ESPÍRITO NATALINO**

A noite caía suavemente sobre a pequena cidade, e as luzes de Natal piscavam em cada esquina, trazendo uma aura de magia e esperança. No entanto, para o senhor João, de 78 anos, a magia do Natal era apenas uma lembrança distante. Ele estava sentado na cadeira de balanço de seu quarto no asilo, segurando uma foto antiga da família. Seus olhos marejados refletiam saudade e amor, sentimentos que, apesar de tudo, permaneciam vivos em seu coração.

Do outro lado do estado, Henrique, o filho mais velho de João, desembarcava na rodoviária após meses de planejamento para visitar o pai no Natal. Ele estava animado e cheio de expectativas, carregando na bagagem presentes para todos, especialmente para o pai, que ele imaginava encontrar na velha casa onde crescera.

Henrique mal podia esperar para rever a casa da infância. Mas, ao chegar, foi recebido com surpresa e silêncio constrangedor pelos irmãos mais novos, Daniel e Marina. Eles o informaram que haviam colocado o pai em um asilo, alegando que a vida atribulada os impedia de cuidar dele. O impacto da notícia atingiu Henrique como um soco no estômago.

Sem hesitar, ele pediu o endereço do asilo e foi até lá. Quando chegou, encontrou João sentado no jardim, olhando para o horizonte. Ao avistar o filho mais velho, os olhos de João brilharam de alegria.

— Henrique! — exclamou João, levantando-se com dificuldade para abraçar o filho. — Que bom que você não esqueceu de mim no natal.

— Pai, o que fizeram com o senhor? — perguntou Henrique, a voz embargada.

João sorriu, mas havia uma tristeza latente em seu olhar.

— Não os julgue, meu filho. Eles não tinham tempo mais para cuidar de mim. Fizeram o que achavam certo. Aqui não é tão ruim, mas é triste estar longe de quem a gente ama, a saudade dói e muito.

Henrique segurou as mãos do pai com firmeza.

— O senhor não vai passar o Natal aqui. Vou levá-lo para minha casa.

Naquela noite, João foi recebido com festa na casa de Henrique. A esposa de Henrique, Ana, e os dois netos, Luiza e Pedro, prepararam uma ceia especial, com uma árvore decorada e presentes para o avô. As crianças brincaram com o avô como se fossem amigos de longa data, trazendo sorrisos genuínos ao rosto de João.

Durante a ceia, João compartilhou histórias de sua juventude e dos Natais de sua infância, enquanto Henrique, emocionado, observava a felicidade do pai. Quando o natal chegou ao fim, João fez uma reflexão que tocou a todos.

— Se eu morrer agora, morreria feliz. Sei que amanhã volto para aquela prisão do asilo. Não que me tratem mal lá, mas é tão triste viver longe de todos os que amamos.

Henrique quase se engasgou ao ouvir as palavras do pai. Ele respirou fundo, segurou as mãos do velho homem e disse:

— Pai, eu te amo. Por mim, o senhor jamais teria ido parar naquele lugar. Mas fico feliz em ver que o senhor continua amando meus irmãos, mesmo depois do que fizeram. O senhor não merece carregar ódio no coração. Tenha pena deles, por não entenderem o que é amor verdadeiro.

Henrique fez uma pausa e olhou ao redor.

— Esta casa é pequena, mas se não houver lugar para o senhor, então também não tem para mim. Quando eu era pequeno, mesmo na pobreza, o senhor nunca deixou nenhum filho fora de casa. Esta casa é nossa, sua, minha e dos meus filhos. Família é isso: sempre cabe mais um, e ninguém fica abandonado.

João e Henrique se abraçaram em um gesto de amor e redenção. Ana e as crianças aplaudiram a atitude de Henrique, enquanto lágrimas escorriam discretamente pelos olhos de João.

Naquele dia o espírito natalino revelou o verdadeiro significado do amor e da união. João pôde sentir o calor de uma família que o acolhia de coração, sem rancor ou julgamentos. Ele não deixou de amar os filhos que o abandonaram, mas encontrou na convivência com Henrique e sua família a esperança de que o amor pode curar qualquer ferida.

O Natal tornou-se um marco para aquela família, principalmente para o João, Henrique ensinou a todos que o maior presente que podemos oferecer é o amor incondicional, aquele que não mede esforços para acolher, recomeçar sem mágoa. Esse é o maior exemplo de espírito natalino que sirva de lição, família de verdade não abandona ninguém.



**Silvana Martendal**

**Biguaçu - SC**



**Silvana Martendal****FLOR DE NATAL**

A flor poderia ser de dois tipos apenas: ou uma espécie rasteira, de cor lilás espalhada solitariamente ou em pequenos grupos concentrados nas veredas do lugarzinho onde as irmãs moravam; ou outra espécie que dava em árvores ou pequenos arbustos esparsos avistados aqui ou ali por onde as meninas passavam. Buscavam uma ou outra espécie, tanto faz, o que importava é que:

– Sim são Flores de Natal!

A irmã mais velha confirmava no auge da sua experiência porque já vivera dois Natais a mais que a caçula. A irmã mais nova acompanhava com cumplicidade os caprichos da mais velha:

– Este ano vamos colher as lilases, porque há bastante delas espalhadas por aí. Eu já percebi.

– Vai ter para encher dois pratos? – Indagava a mais nova.

– Sim. Tem bastante! - Confirmava a mais experiente.

No ano seguinte, a coisa mudava de figura. Era tempo de colher as flores dos arbustos.

Aquelas que davam em árvores eram de cores mais exuberantes, mas as meninas não alcançavam, então se contentavam com as flores dos arbustos que estavam mais próximas de seus sentidos mais apurados: visão, tato e olfato.

– Como cheiram bem. Como se chamam? – Indagava a mais nova.

– Flores de Natal! – Respondia a mais velha com toda segurança.

– Mas elas são tão diferentes! Devem ter nomes diferentes! – questionava a caçula com uma curiosidade aflita, porque ninguém saberia lhe responder.

Ficava um pouco aprisionada à sua aflição por não saber, mas lembrava que elas, as irmãs, apesar de serem tão diferentes, às vezes eram confundidas pelos moradores da cidadezinha. Ela mesma respondia quando alguém lhe chamava pelo nome da irmã. Então sim, as duas flores, apesar de tão diferentes poderiam se chamar pelo mesmo nome: Flor de Natal.

As irmãs sabiam pouco, somente sentiam a beleza que a flor trazia aos seus sentidos.

Talvez as flores despertassem nas meninas outros sentidos que elas também não sabiam nomear. E assim, ano após ano, de Natal em Natal, as flores eram colhidas e arrumadas em dois pratos que elas deixavam sobre a mesa de jantar embebidas em água na Véspera de Natal.

Em seguida iam dormir. Parecia uma oferenda, mas elas não saberiam nomear assim. Era apenas uma forma bonita de deixar algo para alguém naquela noite tão especial.

Para quem elas ofertavam aquelas flores? A irmã mais nova não sabia. Ela conhecia a história do Menino Jesus das novenas de Natal das quais participava. Talvez fosse para ele a oferenda. Não conhecia a figura do Papai Noel, tão popular hoje em dia. Naqueles anos, a globalização era algo distante e as figuras representantes do capitalismo tão conhecidas pelas crianças de hoje eram ignoradas pelas meninas naquele tempo

e espaço. Talvez a irmã mais velha o conhecesse, afinal ela era tão mais experiente!

Sobre ganhar presentes no Natal, ambas sabiam, conheciam um pouco essa tradição, porém nem sempre eles vinham. As flores, então, eram uma forma de ganhar ao menos os chocolates de Natal que eram tão escassos o ano inteiro a ponto de se tornarem um símbolo dessa festividade para as meninas. Já haviam sido apresentadas às várias espécies de chocolates: tinha o de frutas cristalizadas, o de recheio de banana, o de uva passas, o de castanha de caju... Ah e tinha também o chocolate maciço! Imagine um tablete todo de chocolate? Coisa rara!

Os chocolates eram o foco de todo aquele ritual desempenhado pelas meninas. Como em um passe de mágica, na manhã seguinte, as flores amanheciam ainda no prato espalhadas lindamente, tal qual as meninas haviam organizado com todo o cuidado. Todas as pétalas viradas para cima numa imagem linda de se ver, só que agora, a água que ficou hidratando as flores durante a noite já não estava mais no prato e as flores estavam todas enxutas como se a água tivesse sido consumida, sugada por elas e em seu lugar agora haviam chocolates de todas as espécies. Pareciam brotar por entre as flores.

A menina mais nova, desconfiava que a mãe poderia estar por trás disso e se a irmã mais velha sabia – no auge da sua experiência ela deveria saber – não quebrava o protocolo nem o segredo. E era assim que a beleza do Natal se manifestava naquela casa e naquelas vidas. O espírito natalino as envolvia. Ele estava presente na iniciativa da irmã mais velha, na cumplicidade da pequena que confiava e apoiava a maiorzinha, dando retaguarda aos sonhos da irmã que embora

tão mais experiente era tão mais sonhadora, e na atitude da mãe que, com todo o seu cuidado, era incentivadora de sonhos. A menina mais nova aprendeu com elas a sonhar e hoje sabe que sonhar junto alimenta os sonhos mútuos.

Hoje, com o mundo globalizado e com a interconectividade, a menina procura no aplicativo de pesquisa pela expressão "Flor de Natal". Nenhuma das respostas satisfaz sua curiosidade, mas ela percebe que não há mais aflição nos seus questionamentos, porque ela tem um conhecimento advindo de uma experiência que não se encontra no mundo globalizado e sim no seu mundo interior. Sabe que seu mundo foi inundado, talvez pela água que hidratava as flores no prato, talvez pela oferenda que ela e sua irmã faziam, talvez pelo amor da mãe que acolhia aquela oferenda e entregava de volta aquilo que podia em forma de chocolate, talvez pelo espírito natalino na figura do Menino Jesus, mas também pela Flor de Natal que poderia ser duas, mas que atendiam pelo mesmo nome, caso assim alguém as chamasse.



**Telma Nogueira**

**Curitiba - PR**

**Telma Nogueira**

## **MONSTROS DE NATAL**

Na noite de natal ele também está ali, são seres cruéis e perversos, chegam com suas garras ferozes, trazendo em sua bagagem tristeza, dor e morte.

Morte dos sonhos de um futuro feliz;

Sua infância é roubada, e ele diz: Que foi tudo porque você quis.

Na noite de natal ele vem, sem medo de ser pego, destrói a sua alma e tem prazer em te fazer infeliz.

Estou falando de alguém que se fingem de bonzinho, é companheiro e amigo, é padre ou pastor, é professor ou doutor.

Eles estão por toda parte, fazendo maldades com nossas crianças, debaixo do nosso nariz, seja natal ou outra data especial, eles estão ali.

Sempre estarão ali.

Aguardando o momento de atacar, a sua presa escolhida.

Na noite de natal oriente seus filhos, se avistarem esses monstros, para ir correndo te chamar.

Ensine o poder do não, para sua vida salvar.

Na noite de natal, não esqueça o principal, dos seus filhos proteger.

E livrá-los de todo mal...



## Biografias

**Adair Dittrich** - Nasceu em Canoinhas, SC na década de 30. Médica especialista em Anestesiologia e Acupuntura. É colunista do Jornal Virtual Mais, de Canoinhas. Fundadora e atual presidente da Academia de Letras do Brasil – Canoinhas. Obras publicadas: O Meu Lugar, Rum na Lama Vermelha, A Europa pelo Meu Olhar, Retalhos perdidos no Tempo, Cinco Estações, Caminhos depois da Ponte, Nas Fímbrias do Tempo e Amor em Fragmentos”. Participou e várias Coletâneas nacionais.

**Ainê Pena** - Escritora e historiadora, escreve para crianças e tem mais de 100 livros publicados. Tem sua maior obra, a coleção de livros infantis Coisas do Lelé com os quais trabalha vários projetos de incentivo à leitura e ao estudo de línguas. Acadêmica de várias Academias de Letras, presidente da AICLAB e detentora de vários títulos, incluso de Baronesa e Embaixadora da Paz.

**Celina Pereira** - Natural de Porto Alegre, onde se graduou em Letras e Música na UFRGS. Atualmente mora em Brasília, onde leciona Língua Portuguesa. Autora dos blogs Viver e Versículos para hoje, nos quais publica textos sobre o dia-a-dia e comentários sobre versos bíblicos. Participou de algumas antologias, com crônicas e contos. É casada há 53 anos e tem 3 filhos e 8 netos.

**Dioni Fernandes** - Presidente da AJEBS - Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil / Coordenadora de SC. 2ª Vice-Presidente da AJEB Nacional. Natural de Tubarão-SC, mora desde adolescente em Criciúma - SC. Arte Educadora, Artista Plástica, Escritora e Diagramadora.

**Djany de Carvalho** - Uma mulher tímida, determinada, que segue descobrindo a vida e construindo seu caminho. Ama viajar, contar e ouvir histórias, e estar com a família. Como profissional, realiza-se como professora. Uma eterna sonhadora: acredita que a vida sempre pode melhorar, e de forma coletiva. Talvez por isso nunca pensa apenas em si. Tornou-se mãe do Victor Gabriel, o presente que coloriu, significativamente, seu viver!

**Eliane Oliveira** - Professora de Língua Portuguesa e Literaturas. Estudante de Neuropsicopedagogia Clínica e institucional. Idealizadora do Curso de Escrita Curativa, intitulado Poematerapia. Escritora e Poetisa, com mais 40 Poemas escritos em um ano (temáticos e personalizados).

**Eloise Gomes** - Carioca, estudante da Rede PENSI-RJ. É escritora, participou de Antologias no Brasil e Portugal. É membro da Academia de Letras: ALACAF, ALSPA, AILAP, IICEM, entre outras. Membro do Rotaract Distrito 4751 - Cabo Frio, parceiro do Rotary Internacional. Cursa Artes Plásticas no Ateliê Anderson Carvalho em Cabo Frio-RJ. É colunista em diversas revistas onde escreve sobre atualidade e poesia, e é Embaixadora do Meio Ambiente de Iguaba Grande e Embaixadora da Literatura.

**Fernanda Rabelo** - Natural de Barras-PI, mãe de Rute e Radassa (*in memoriam*), esposa de José, e irmã de Luís Neto e Flávio. Professora a mais de 10 anos, graduada em Pedagogia e Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Piauí- UESPI. Psicopedagoga e pós-graduanda em Metodologias Ativas de Aprendizagem-UFRN. Graduanda de Letras Português-UESPI. Professora Autora do Material Educacional Nova Escola do Piauí.

**Geomara Moreno** - Mulher Negra, poetiza, ilustradora e escritora. Filha, neta e bisneta de lavadeiras de roupas, Doutoranda em Estado e Sociedade pela Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, Mestra em Ensino e Relações Étnico - Raciais - UFSB, Assistente Social, apaixonada pela educação, pela vida e pela minha família.

**Graciela Zeballos** - Conferencista internacional, Articulista, Escritora y Poeta. Recibió el Premio Mundial "Águila de Oro" a la Excelencia Humanista, UHE Perú 2023; y Premio "Pluma de Paz", Poetas Intergalacticos Ecuador 2021. Es Misionera de Paz. Participa del Movimiento Acción de Paz Argentina 2023. Goodwill Ambassador Representative SPMUDA Internacional Organization for Peace & Development 2019-2021.

**Henrique Lucas** - Mestre em Educação, poeta, professor, comendador e Embaixador da Paz. Dr. Honoris Causa em Direitos Humanos e Educação. Autor de Braços do Sol, Meninos de Papel e Atmosfera. Membro da AABLA, ALTO e AILAP. Melhor Poeta Amazonense de 2020, 1º Lugar no Concurso Nacional em Crônicas da ALAPG, Praia grande - SP, 2021, e 1º Lugar no Concurso de Poesias Prof. Francisco Calheiros, 2022.

**Jonas Bandeira** - É poeta, professor e compositor. Tem um livro publicado por nome: Verso Diverso. Atua na área há 15 anos.

**Karol Costa** - Residente em Itajai-SC, escritora com 5 obras publicadas: Cartas da Karol, Cartas de uma Alma Juvenil, Devaneios de uma Mente Sonhadora, Entre Palavras e Emoções e Mensagens de Luz. Participação em várias Feiras Internacionais como seu programa semanal Momento Zen na FILC Dubrá. Em seu blog pessoal pode ser encontrado: Cartas, poesias, contos, Haikai, além de textos convertidos em áudios.

**Kerly Coelho** - Se chama kerlijane, nascida na década de 90, mãe solo de 2 crianças, e escreve como águia que não para de voar, com seu voo ainda está baixo, mas que logo chegarei lá.

**Leuson da Cruz** - Natural de Euclides da Cunha, sertão da Bahia, hoje morador de Teófilo Otoni - MG. Autor do livro Poemas Iluminados, tem poemas publicados nas revistas Café com Letras. É membro fundados da Academia de Letras ALTO, o idealizador do brasão desta entidade, e trava uma luta pelo social na cidade.

**Luiz Campos** - Natural de Ponta Porã - MS, desde 1958, contista, preferência pelo cotidiano, pai do Elmer, Mendel, Nathália e Eric, nessa ordem.

**Manoel Pena** - Foi professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal, graduado em Licenciatura em Química pela Universidade Católica de Brasília, pós graduado pela UFLA-MG

em Farmacologia e em Plantas Medicinais. Trabalhou na Oficina Pedagógica - SEDF onde desenvolveu projetos pedagógicos com professores da Rede Pública do DF e finalizou seu trabalho sendo Terapeuta Complementar, desenvolvendo pesquisas em Terapias Naturais e atendendo pacientes buscando sempre a cura através das plantas. 1949 - 06/08/2024. *In memoriam.*

**Maria Consuêlo** - Baiana, nascida na década de 60, divorciada. Mãe de Paulo Henrique. Vive na Rocinha, Rio de Janeiro - RJ desde 1993. É professora, pedagoga e escritora.

**Maria de Abreu** - Professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal, graduada em Licenciatura em Matemática pela Universidade Católica de Brasília, e pós graduado pela UFLA-MG na mesma área. Desenvolveu desde muito cedo, atividades artísticas de pintura, flores e outras artes manuais, mas teve na didática, no lúdico, sua visão de melhorar o aprendizado para alunos na disciplina de matemática.

**Mitiko Une** - É nissei, natural de Bastos - SP. Casada com Yosimori Une e mora no Rio de Janeiro desde 1960. Formada em geografia (USP) e mestrado em geografia pela Universidade de Tsukuba, Japão. Trabalhou como geógrafa no IBGE. Tem trabalhos técnicos publicados no Brasil e no exterior. Escreveu a vida do avô materno, Sonhos e Anos Cinquenta. Participa de antologias com contos e crônicas. É membro de academias literárias.

**Myrinha Vasconcellos** - Natural de Vitória-ES, reside em Brasília-DF. Foi Gestora no BNH, na CAIXA Econômica Federal, e na FUNCEF Gestora de Relacionamento. Bacharel em Administração de Empresas. Mestre em Marketing, Especialista em Previdência Complementar, na Bélgica. Escritora, 13 obras publicadas. Acadêmica das Academias de Letras AHBLA, ALSPA e AMCLAC. Doutora Honoris Causa em Literatura e Marquesa Carvalho de Vasconcellos.

**Neuza M<sup>a</sup> B. Albarello** - Bacharel em direito, filha de Oliva G. Berti e Henrique B. Berti e tem três filhas. Seu lazer é escrever, tem dois livros de poesias e várias participações em Antologias poéticas. Faz parte das Academias de Letras AILB e AICLAB, e participa do movimento poético Sarau Atemporal.

**Rachel Capucio** - Ítalo-brasileira, advogada, colunista social e escritora com uma ampla atuação no universo cultural e comunicacional. Como redatora e curadora de arte, destaca-se ao conectar pessoas e histórias por meio de sua escrita. Além disso, atua como assessora de imprensa, trazendo visibilidade e impacto aos projetos que representa. Sua carreira multifacetada reflete paixão em tudo o que faz.

**Rosangela Calza** - Com 85 livros solos e participa de mais de 100 Antologias. Escreve Literatura de Viagens e poesia, com livros publicados no Brasil, Peru, Argentina, França, Portugal e EUA. Faz parte de Academias de Letras no Brasil e no exterior; é vice-presidente da AJEB/SC; Bibliotecária da ADELIT. É Artista Destaque 2023, pelo Nalap. Colunista do Jornal Linha Popular, de Camboriú.

**Sandro Brustolin** - Escritor de livros espíritas. Após completar sua graduação em Sociologia aprofundou seus estudos em especializações em Ensino de Filosofia, Metodologia do Ensino da História e da Geografia, Sexualidade e Psicologia. Atualmente, está aprimorando suas habilidades com o curso de Terapia de Reprocessamento Gerativo (TRG).

**Silvana Martendal** - Nasceu na década de 70 em Florianópolis, SC. Professora de Língua Portuguesa, é licenciada em Letras e Mestre em Educação pela UFSC. Sempre foi apaixonada pela escrita, mas sua formação universitária e sua profissão despertaram ainda mais o seu apreço pelas palavras. Para a autora, as palavras têm o poder de sensibilizar as pessoas, pois acredita que pela Arte e pela Literatura podemos nos tornar mais humanos.

**Telma Nogueira** - Uma mulher que se tornou forte e corajosa, que sorri para o futuro. Natural de Telêmaco Borba - PR, atualmente reside em Curitiba - PR. Professora, escritora e fundadora do Instituto Debora's, onde luta para que crianças sejam Salvas da Pedofilia. Fez da sua dor, força e inspiração para lutar. @instituto.deboras

# Participantes

Autores de várias partes do Brasil e outros Países



## Norte

Henrique Lucas - AM

## Nordeste

Djany de Carvalho - Fortaleza - CE

Fernanda Rabelo - Barras - PI

Geomara Moreno - Ilhéus - BA

Jonas Bandeira - Recife - PE

## Centro-Oeste

Ainê Pena - Brasília - DF

Celina Pereira - Brasília - DF  
Manoel Pena - Brasília - DF (*In memoriam*)  
Myrinha Vasconcellos - Brasília - DF  
Maria de Abreu - Valparaíso - GO  
Neuza M<sup>a</sup> B. Albarello - Goiânia - GO  
Karol Costa - Campo Grande - MS

## **Sudeste**

Eloise Gomes - Rio de Janeiro - RJ  
Eliane Oliveira - Rio de Janeiro - RJ  
Maria Consuêlo - Rio de Janeiro - RJ  
Mitiko Une - Rio de Janeiro - RJ  
Kerly Coelho - Uberaba - MG  
Leuson da Cruz - Teófilo Otoni - MG  
Rachel Capucio - Belo Horizonte - MG

## **Sul**

Adair Dittrich - Canoinhas - SC  
Dioni Fernandes - Criciúma - SC  
Luiz Campos - Joinville - SC  
Rosângela Calza - Florianópolis - SC  
Silvana Martendal - Biguaçu - SC  
Sandro Brustolin - Marau - RS  
Telma Nogueira - Curitiba - PR

## **Outros Países**

Graciela Zeballos - Maldonado, Uruguay

## Veja outras obras:



### **Antologia** **Nossa Língua** **Nossa Gente**

Sobre a língua Portuguesa.

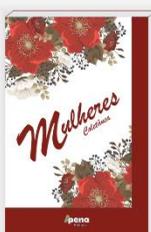
*Leia grátis.*  
www.apena.com.br



### **Coletânea** **11.9: 20 anos**

Sobre a tragédia do 11 de setembro.

*Leia grátis.*  
www.apena.com.br



### **Coletânea** **Mulheres**

Homenagem deles e delas para elas, 8 de mar. Dia da Mulher.

*Leia grátis.*  
www.apena.com.br



### **Antologia** **As mais Variadas** **Formas de Amar**

Dia dos Namorados.

*Leia grátis.*  
www.apena.com.br



### **Coletânea** **Para você** **Mamãe**

Homenagem ao Dia das Mães.

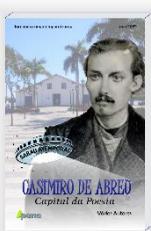
*Leia grátis.*  
www.apena.com.br



### **Coletânea** **Páscoa**

Em comemoração à páscoa.

*Leia grátis.*  
www.apena.com.br



### **Antologia** **Casimiro de** **Abreu** **Capital da Poesia,** **Sarau Atemporal.**

*Leia grátis.*  
www.apena.com.br



### **Antologia** **Natal: Sarau** **Atemporal**

Poetas Atemporais.

*Leia grátis.*  
www.apena.com.br

*Todas as Obras estão à venda na Amazon Internacional, nas maiores livrarias ou no site <https://uiclap.bio/apenaeditora>*

## Alguns Depoimentos...

**Telma Nogueira** - Participar dessa obra para mim é muito significativo. É minha voz sendo ouvida! As coisas só acontecem para aqueles que permanecem, insistem.

**Luiz Campos** - Li, de minha parte vejo essa atitude como uma generosa ação de boa vontade em promover novos postulantes a escritores, um incentivo valioso para quem está iniciando ou se aventurando nessa caminhada como escritor. Parabéns pela obra, gostei da capa!

**Myrinha Vasconcellos** - O Livro ficou um primor... amei a cor da capa, muito linda. Está belíssima a obra. Acertou na cor e no design. Parabéns! Muito obrigada por tudo e mais uma vez PARABÉNS por nos brindar com um trabalho de muito bom gosto e primoroso.

**Eloise Gomes** - É no espírito do Natal que encontramos o verdadeiro significado de união, generosidade e esperança. Que cada página desta antologia seja um convite para refletir sobre a magia que transforma o ordinário em extraordinário, aquecendo nossos corações e conectando-nos uns aos outros. Que a leitura seja a inspiração da renovação de sentimentos e a celebração do amor que esta data tão especial nos traz.

**Rachel Capucio** - A Antologia de Natal celebra o espírito natalino ao reunir contos que inspiram reflexões sobre conexão, tradições e valores universais. Ela resgata a importância das narrativas que tocam o coração, ao mesmo tempo em que destaca novos talentos literários. Mais do que uma coletânea, é um presente cultural que aquece a alma e nos convida a celebrar a humanidade de forma atemporal.

## **Autorização de Uso de Textos e Imagens**

Todos os textos e imagens constantes nesta antologia foram disponibilizadas pelo próprio autor mediante autorização prévia de uso, e enviada por e-mail para *contato@apena.com.br*, para a coordenação desta obra, intitulada *Contos de Natal*.

Licença de imagem da capa:  
© Arte Apena Editora e Freepik.com, 2024

**e-mail da Editora:** [apena.editora@gmail.com](mailto:apena.editora@gmail.com)

**site da Editora:** [www.apena.com.br](http://www.apena.com.br)

[Leia grátis e participe de outras antologias](#)

Antologia:  
Contos de Natal  
Edição Apena  
2024

Apenas Editora

